

ARTHUR AZEVEDO

ORMA
869.93

A994e

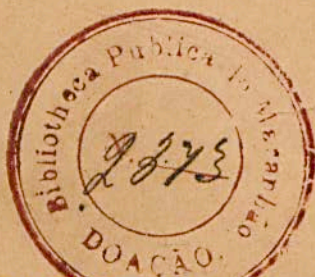
CONTOS

FÓRA DA MODA

*J'estime plus cela que la pompe fleurie
De tous ces faux brillans où chacun se récrie...*

MOLIÈRE, Le Misanthrope.

SEGUNDA EDIÇÃO



H. GARNIER, Livreiro-Editor

71 E 73, RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

6, RUA DOS SAINTS-PÈRES

PARIS

1901

PUB. BIBLIOTECA PUBLICA	
REGISTRO GERAL	
DOACAO	22.157
DATA	20 / 10 / 81

POUCAS PALAVRAS

A primeira edição deste livrinho de litteratura amena logrou um exito com que eu não contava. O editor communicou-me que em menos de um mez. desappareceram todos os exemplares expostos á venda, e a imprensa não foi menos generosa que o publico.

Apenas um jornalista aggreuiu a obra, mas esse mesmo fechava com as seguintes palavras o seu artigo de critica : « De resto, como simples obra recreativa, os *Contos fóra da moda* têm seu valor especial. »

Como outro não foi o meu intento senão fazer uma « simples obra [recreativa] », bastava essa declaração de uma penna insuspeita para que eu *autorisasse esta segunda edição.

Abril, 1901.

ARTHUR AZEVEDO.

A
AFFONSO CELSO

A lisonjeira aceitação que tiveram os Contos possíveis, anima-me a publicar os Contos fóra da moda. Intitulei-os assim, porque sou o primeiro a reconhecer que elles estão inteiramente afastados do actual movimento litterario, isto é, foram escriptos sem preocupação de psychologia nem gymnastica de estylo. Dá que t'os offereça como uma prova insignificante, mas sincera, não só da velha amizade que te consagro, como da consideração em que tenho o teu character e o teu talento.

1893

ARTHUR AZEVEDO.

O VIUVO

1.

O VIUVO

Na vespera de partir para a Europa, o doutor Claudino, sem prever o funebre espectáculo de que ia ser testemunha, foi despedir-se do seu velho camarada Tertuliano.

Ao approximar-se da casa, ouviu berreiro de crianças e mulheres, e a voz de Tertuliano, que dominava de vez em quando o alarido geral, soltando, num tom estridulo e angustioso, esta palavra : « Xandoca ».

O doutor Claudino apressou o passo, e entrou muito afflicto em casa do amigo.

Havia, effectivamente, motivo para toda aquella manifestação de desespero. Tertuliano acabava de enviuar. Havia meia hora que dona Xandoca, victima de uma febre puerperal, fechára os olhos para nunca mais abril-os.

O corpo, vestido de seda preta, as mãos cruzadas sobre o peito, estava collocado num canapé, na sala de visitas. A' cabeceira, sobre uma pequena mesa coberta por uma toalha de rendas, duas velas de cera substituíam, aos dous lados de um crucifixo, o bom e o máo ladrão.

Tertuliano, abraçado ao cadaver, soluçava convulsivamente, e todo o seu corpo tremia como tocado por uma pilha electrica. Os filhos, quatro crianças, a mais velha das quaes teria oito annos, rodeiavam-no aos gritos.

Na sala havia um continuo fluxo e refluxo de gente que entrava e sahia, pessoas da vizinhança, chorando muito, e individuos que, passando na rua, ouviam gritar e entravam por mera curiosidade.

O doutor Claudino estava impressionadissimo. Ca-hira de sopetão no meio daquelle espectaculo commovedor, e contemplava attonito o cadaver da pobre senhora que, havia quatro dias, encontrára na rua de Carioca, muito alegre, levando um filho pela mão e outro no ventre, arrastando vaidosa a sua maternidade feliz.

Tertuliano, mal que o viu, atirou-se-lhe nos bra-

ços, innundando-lhe de lagrimas a gola do casaco; o doutor Claudino estava atordoado, cego, com os vidros do *pince-nez* embaciados pelo pranto, que tardou, mas veio discreta, reservadamente, como um pranto que não era da familia.

— Isto foi uma surpresa... uma dolorosa surpresa para mim, conseguiu dizer com a voz embargada pela commoção. Parto amanha para a Europa, no *Niger*... vinha despedir-me de ti... e della... de dona Xandoca e... vejo que... que... que...

E o doutor Claudino fez uma careta medonha para não soluçar.

— Dispõe de mim, meu velho; estou ás tuas ordens, bem sabes.

— Obrigado, disse Tertuliano numa dessas intermitencias que se notam nos maiores desabafos; o Rodrigo, aquelle meu primo empregado no fôro, já foi tratar do enterro, que é amanha ás dez horas.

Fazendo grandes esforços para reprimir a explosão das lagrimas, o viuvo contou ao doutor Claudino todos os incidentes da rapida modestia e da morte de dona Xandoca.

— Uma coisa inexplicavel! Nunca a pobre creatura teve um parto tão feliz... A parteira não esperou cinco minutos... Uma criança gorda, bonita...

Está lá em cima, no sotam... has de vel-a. De repente, uma pontinha de febre que foi augmentando, augmentando... até vir o delirio... Mandei chamar o medico... Quando o medico chegou já ella agonisa... a... va!...

E Tertuliano, prorompendo em soluços, abraçou-se de novo ao doutor Claudino.

No dia seguinte a scena foi dolorosissima. Antes de se fechar o caixão, Tertuliano quiz que os filhos beijassem o cadaver, medonhamente intumescido e decomposto. Ninguem reconhecera dona Xandoca, tão sympathica, tão graciosa, naquelle montão informe de carne putrida.

Fecharam o caixão, mas Tertuliano agarrou-se a elle e não o queria deixar sahir, gritando: — Não consinto! não quero que a levem d'aqui! — Foi preciso arrancal-o á força e empurral-o para longe. Elle cahiu e começou a escabujar no chão, soltando grandes gritos nervosos. Tres senhoras cahiram tambem com espectaculosos ataques. As crianças berravam. Choravam todos.

De volta do enterro, o doutor Claudino, comquanto

muito atarefado com a viagem, não quiz deixar de fazer uma ultima visita a Tertuliano.

Encontrou-o num estado lastimoso, sentado numa cadeira da sala de jantar, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no misero recém-nascido, que a um canto da casa mamava soffregamente numa preta gorda.

— Tertuliano, adeus. Daqui a meia hora devo estar embarcado. Crê que, se pudesse, adiaa a viagem para fazer-te companhia... Adeus!

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que nada exprimia; saccudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus!

A's sete horas da noite o doutor Claudino, sentado na cobertura do *Niger*, contemplando as ondas, splendidamente illuminadas pelo luar, pensava naquelle olhar vago de Tertuliano, naquelle *adeus* terrivel, e pedia aos céos que o seu velho camarada não houvesse enlouquecido.

Mezes depois, a exposição de Paris atordoava-o; mas de vez em quando, lá mesmo, na Galeria das Machinas, no Palacio das Artes, ou na Torre Eiffel, voltava-lhe ao espirito a lembrança daquelle scena

desoladora do viuvo rodeado pelos orphãosinhos, e repercutia-lhe dentro d'alma o som daquelle adeus pungente e indefinivel.

Interessava-se muito por Tertuliano. Escreveu-lhe um dia, mas não obteve resposta. Pobre rapaz ! viveria ainda? a sua razão teria resistido áquelle embate violento?

Depois de um anno e quatro mezes de ausencia, o doutor Claudino voltou da Europa, e a sua primeira visita foi para Tertuliano, que morava ainda na mesma casa.

Mandaram-no entrar para a sala de jantar. Tertuliano estava sentado numa cadeira, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mais pequenito, que estava muito esperto, brincando no collo da preta gorda.

— Tertuliano ? balbuciou o doutor Claudino.

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que nada exprimia; sacudiu mollemente a mão, e murmurou.

— Adeus.

Depois, dir-se-ia que se fizera subitamente a luz no seu espirito embrutecido. Elle ergueu-se de um salto, gritando :

— Claudino! —, e atirou-se nos braços do velho camarada, exclamando entre lagrimas :

— Ah! meu amigo! perdi minha mulher!...

— Sim, já sei, mas já tinhas tempo de estar mais consolado... Que diabo! Sê homem! Já lá se vão quatorze mezes!...

— Como quatorze mezes? seis dias...

— Ora essa! pois não te lembras que acompanhei o enterro de dona Xandoca?

— Ah! tu fallas da Xandoca... mas ha tres mezes casei-me com outra... a filha do major Seabra, e ha seis dias estou viu... u... vo!

E Turtuliano, prorompendo em soluços, abraçou-se de novo ao doutor Claudino.

ROMANTISMO

ROMANTISMO

I

— Então, Rodolpho, decididamente não te casas com a viuva Santos ?

— Nem com ella, nem com outra qualquer. E peço-lhe, meu pae, que não insista sobre esse ponto, para poupar-me o desgosto de contrariar-o. O casamento assusta-me ; é a destruição de todos os sonhos, o anniquilamento de todas as illusões. Deixe-me sonhar ainda. Tenho apenas vinte e cinco annos.

— Tu o que tens é uma carregação de romantismo e preguiça, que me aborrece devéras. O teu prazer, meu mariola, é andar envolvido em aventuras de novela, desencaminhando senhoras casadas, procurando amores mysteriosos e nocturnos, paixões de horas mortas, de chapéo desabado e capa. Olha que um dia vem a casa abaixo ! Don Juan, quando menos pensava, lá se foi para as profundas do inferno !

— Entretanto, observou Rodolpho a sorrir, Don Juan tambem usava capa, e dizem que quem tem capa sempre escapa.

— Ri-te ! ri-te ! um dia has de chorar !

E o doutor Sepulveda poz-se a medir com largos passos nervosos o assoalho do gabinete.

De repente estacou, sentou-se, e, voltando-se para o filho :

— Que diabo ! disse, a viuva Santos é uma das senhoras mais lindas que conheço ! Não se diga que te estou mettendo á cara um estupor !

— Fosse a propria Venus !

— E' mais, muito mais, porque Venus não tinha duzentos contos de réis em predios e apolices !

— Ora, sou bastante rico, e o senhor, meu pae, não sabe o que ha de fazer do dinheiro. A sua banca de advogado rende-lhe uma fortuna todos os annos e eu tenho a satisfação de lhe lembrar que sou filho unico.

— A minha banca, maluco, ha muito tempo não rende o que rendia no tempo em que os cães andavam com linguças no pescoço. O que te ficou por morte de tua mãe, e o que te posso dar, ou deixar, é pouco para a tua dispendiosa vida de rapaz romantico, anachronico e serodio.

— Tenho ainda meu padrinho, o general.

— Pois sim! Teu padrinho é muito bom, sim senhor, muita festa p'ra festa, meu afilhado pr'a cá, meu afilhado p'ra lá, mas olha que daquella matta não sãe coelho.

— E' extraordinario o interesse que o senhor toma por essa viuva Santos!

— Não é por ella, é por ti, pedaço d'asno! Vocês foram feitos um para o outro, acredita, e o que mais lhe agrada na tua pessoa é justamente esse feitio, que tens, de Antony de edição barata.

— Ella nunca me viu.

— Nunca te viu, mas conhece-te. Pois se não lhe fallo senão no meu Rodolpho! Levei-lhe a tua photographia, aquella maior... do Pacheco... aquella em que estás tão bonito, que até me pareces tua mãe...

— Que tolice! minha mãe com bigodes!

— Os bigodes não, más os olhos, a boca e o nariz parecem tirados de uma cara e pregados na outra.

— Mas se o senhor lhe levou o meu retrato, por que não me trouxe o della?

— Disso me lembrei eu. Infelizmente nunca se photographou. Se eu lhe apanhasse o retrato, oh! oh! mostrava-t'o, e estou certo que não resistirias.

— O senhor mette-me medo! Para evitar uma asneira de minha parte, hei de fugir da viuva Santos como o diabo da cruz!

— Disseste que me interesse por ella ; e quando me interessasse ? Não é filha de um bom camarada, o Telles, que morou commigo quando eramos estudantes, e se formou em Olinda no mesmo dia que eu ? — Não imaginas o prazer que tive quando recebi uma carta de Rosalina — ella chama-se Rosalina — dizendo-me : « Venha ver-me ; quero conhecer um dos melhores amigos de meu pobre pae. »

— O pae é morto ?

— Ha muitos annos. Morreu juiz municipal nas Alagoas. Deixou a mulher e os filhos na mais completa pobreza, mas os rapazes arranjaram-se no commercio, o lá estão em Pernambuco em companhia da mãe. A Rosalina, essa casou-se com um negociante d'aqui do Rio, o Santos, que a viu por acaso uma vez em que teve de ir a Pernambuco tratar de negocios.

O doutor Sepulveda approximou a sua cadeira para mais perto do filho, e continuou :

— Alguem disse que a viuva é como a casa que está para alugar : ha sempre lá dentro alguma coisa esquecida pelo antigo inquilino. Bem vejo, meu filho : o que te desgosta é esse Santos, esse marido, esse inquilino ; pois não tens razão. O casamento de Rosalina foi obra dos irmãos — um casamento de conveniencia. A pobre rapariga sacrificou-se á feli-

cidade dos seus. O coração entrou alli como Pilatos no Credo. Oito dias depois de casados, os noivos vieram para o Rio de Janeiro. Seis mezes depois, morreu o marido, mas antes disso teve a boa ideia de chamar um tabellião e fazer testamento em favor della. Offereço-te um coração virgem, meu rapaz ; aceita-o, e com isso darás muito prazer a teu pae, e ao general, teu padrinho, que consultei a esse respeito, e é inteiramente da minha opinião.

Rodolpho ergueu-se, espreguiçou-se longamente, e disse, com os braços estendidos, e a boca aberta num horroroso bocejo :

— Ora, meu pae, não fallemos mais nisso.

E não fallaram mais nisso.

O doutor Sepulveda foi ter com o general, e contou-lhe a relutancia do afilhado.

— Mas hei de teimar, seu compadre, hei de teimar !

— Não teime. Você não arranja nada. Aquelle que alli está não se casa nem á mão de Deus Padre.

— E' o que havemos de ver, seu compadre, é o que havemos de ver !...

II

Dous dias depois, Rodolpho sentia-se abalado pela insistencia paterna, e estava quasi disposto a pedir ao doutor Sepulveda que o apresentasse á viuva Santos, quando o correio urbano lhe trouxe uma carta concebida nos seguintes termos :

« Rodolpho — Se não é medroso, esteja amanhan, quinta-feira, ás 8 horas da noite, no largo da Lapa, junto ao chafariz. Ahi encontrará uma senhora edosa, vestida de preto, com o rosto coberto por um véo. Faça o que ella indicar. Trata-se da sua felicidade. »

A carta, escripta com letra de mulher, em papel finissimo, não tinha assignatura, e exhalava um delicioso perfume aristocrata. Rodolpho leu-a, releu-a tres vezes, e guardou-a cuidadosamente. Ocioso é

dizer que a viuva Santos varreu-se inteiramente da sua imaginação, excitada agora pelo mysterioso da aventura que lhe propunham.

Foi ao largo da Lapa. Por que não havia de ir? Poderia receiar uma cilada? Ora! no Rio de Janeiro não ha torres de Nesle nem Margaridas de Borgonha.

Já lá encontrou a velha, junto do chafariz. Ella foi ao seu encontro, complimentou-o, e, digirindo-se a um *coupé* estacionado a alguns passos de distancia, abriu a portinhola e com um gesto convidou-o a entrar. Rodolpho não hesitou um segundo; entrou; a velha entrou tambem, e o *coupé* rodou na direcção do Passeio Publico.

— Aonde vamos? perguntou elle.

A velha disse-lhe por gestos que era muda, e abaixou os *stores*.

Rodolpho percebeu que o carro entrou na rua das Marrecas, e dobrou a dos Barbonos; depois não poudo saber ao certo se tomou a rua dos Arcos ou a de Riachuelo. As rodas moviam-se vertiginosamente. De vez em quando dobravam uma esquina. Dez minutos depois, o moço ignorava completamente se se achava em caminho de Botafogo ou de Villa-Isabel, da Tijuca ou do Sacco do Alferes. Quiz levantar um *store*. A velha opoz-se com um gesto

precipitado e energico. Elle cahiu resignadamente no fundo do carro, e deixou-se levar. Ora adeus!

A viagem durou seguramente uma hora. Quando o *coupé* estacou, a velha ergueu-se, tirou um lenço da algibeira, e tapou os olhos do moço, que se deixou vender humildemente, sem proferir uma palavra.

Ella ajudou-o a descer, e levou-o pela mão, sempre de olhos tapados, como Raul de Nangis nos *Huguenotes*.

Pelo cascalho que pisava e pelo aroma das flores que sentia, Rodolpho adivinhou que estava num jardim, caminhando em deliciosa alameda.

Depois de andar cinco minutos, guiado sempre pela mão encarquilhada da velha, esta murmurou baixinho: — Adeus, seja feliz! — e afastou-se. Ao mesmo tempo uma voz argentina, uma voz de mulher que parecia vir do alto e soou musicalmente aos seus ouvidos, disse-lhe: — Desvenda-se, Rodolpho.

Elle arrancou o lenço dos olhos. Estava effectivamente num jardim, defronte de uma das partes lateraes de um bello predio moderno. A lua, illuminando suavemente aquelle magnifico scenario, batia de chofre na sacada em que se achava uma mulher vestida de branco e com os cabellos soltos.

— Onde estou eu? perguntou elle, e olhou para o horizonte, a ver se algum morro conhecido o orientava. Nada! — nos fundos da casa erguia-se, é verdade, um morro, mas tão proximo e tão alto, que o moço, do lugar em que se achava, não lhe podia notar a configuração.

— Onde estou eu? repetiu.

Por unica resposta a mulher de cabellos soltos deixou cahir uma escada de seda, cuja extremidade ficou presa á sacada; e Rodolpho subiu por ella com mais presteza do que o faria o proprio Romeu.

Ao entrar na alcova, fracamente illuminada pela meia luz de um bico de gaz, ficou deslumbradissimo. Estava diante de um prodigio de formosura! O pasmo embargou-lhe a falla; quiz soluçar um madrigal, e não teve uma palavra, uma syllaba, um som inarticulado!

— Amo-te, disse ella com uma voz que mais parecia um ciciar de brisa; amo-te muito, Rodolpho, e quero que tambem me ames.

— Oh! sim, sim,.. quem quer que sejas... eu amo-te, e...

Uma gargalhada o interrompeu. Era o doutor Sepulveda que entrava na alcova e dava mais luz ao bico de gaz.

— Meu pae !

— Teu pae, sim, meu romantico. Era este o unico meio de te fazer cá vir. Ora aqui tens a viuva Santos. Agora recúa, se és homem !

O casamento ficou definitivamente tratado naquelle mesma noite.

III

No dia seguinte o doutor Sepulveda, nadando em jubilo, foi ter com o general e contou-lhe tudo.

— Então? não lhe dizia, seu compadre ?

— Ora muito obrigado! respondeu o outro com a sua rude franqueza de velho militar; por esse processo você poderia casal-o até com a Chica Polka !

QUESTÃO DE HONRA

BIBLIOTECA PÚBLICA
MADRANHA
180 2215

QUESTÃO DE HONRA

Eram sete horas da manhã. Braga Lopes, sentado numa deliciosa *chaise-longue*, brunia as unhas e contemplava, pela janela do gabinete, o Pão de Assucar, que por um bello effeito de luz parecia de madreperola.

Angelica entrou no gabinete, e bateu de leve no hombro do marido.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

Por unica resposta, Braga Lopes apontou para uma carta aberta sobre a secretária de páo-rosa.

Angelica leu: o senhorio reclamava, em termos violentos, não sei quantos mezes atrasados do aluguel do predio nobre.

A moça encolheu os hombros, sahio arrebatadamente e mandou atrelar.

Fez ligeira mas elegante *toilette* de passeio, e, calçando as luvas de pelle da Suecia, recommendou ao engravatado copeiro que não a esperasse para almoçar.

O marido ouviu rodar o *coupé* e chegou á janela. Acompanhou com a vista o trajecto do carro em quasi toda a curva da praia de Botafogo, até que o viu desaparecer na rua Marquez de Abrantes.

— Aonde irá ella arranjar quinhentos mil réis a estas horas? pensou, e, sentando-se de novo, recommençou a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

Ao entrar no *coupé*, Angelica dissera ao boleeiro :

— Vamos á baroneza.

A baroneza estava ainda no leito. Angelica foi introduzida no dormitorio.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

— Impossivel, minha amiga; o barão está em Petropolis.

— Petropolis em junho!

— Foi a negocio e não a passeio. O dinheiro está

com elle, bem sabes. Sinto não te poder servir neste momento, como noutras occasiões o tenho feito.

Não é a primeira vez que tu...

— Bem... desculpe... adeus, baroneza.

Angelica a sahir e o barão a entrar.

— Oh! madame Braga Lopes! a que feliz acaso devemos tão matinal visita?

— Não tinha ido para Petropolis, barão?

— Petropolis em junho! *Jamais de la vie!* Seria ridiculo! Sahi muito cedo por necessidade e só contava estar de volta ao meio-dia. Esteve com a baroneza?

— Sim, senhor barão; passe bem.

E Angelica, mordendo os beiços de raiva, entrou rapidamente no *coupé*, cuja portinhola o barão abriu pressuroso com a mão esquerda, enquanto a direita fazia o chapéo descrever uma pequena recta, muito graciosa, á ingleza.

O boleeiro voltou-se para receber as ordens da patrôa.

— Vamos ás Guedes.

O barão fechou a portinhola, e o carro poz-se em movimento.

As Guedes eram tres irmans solteironas. Moravam na rua do Conde, perto de Catumby.

Angelica esperou por ellas durante quarenta minutos. Empregou todo esse tempo a passeiar de um lado para outro, muito contrariada por se ver alli, numa rua tão burgueza, naquella velha sala sem tapeçarias, nem reposteiros, nem *bibelots*, fastidiosa com a sua esmagadora mobilia de jacarandá e os seus venerandos castiçaes de prata, resguardados em monstruosas mangas de vidro.

N'uma velhissima téla, o pae das Guedes, pintado a oleo, muito sério, inteiramente barbeado, de olhos, o pescoço escondido numa abundante gravata de cinco voltas, as mangas da casaca muito apertadas, as mãos a emergirem das rendas dos manguitos, olhava fixamente para Angelica, e parecia dizer-lhe :

— Que vens aqui fazer? Não arranjas nada!

Afinal appareceram as Guedes. Entraram as tres ao mesmo tempo, com pequeninos gritos de surpresa alegre, fazendo um gasto enorme de beijos, abraços, pancadinhas de amor e phrases candongueiras: Mas que milagre é este? Por isso é que o dia está tão bonito! Vou mandar repicar os sinos!

— Sente-se, dona Angelica.

— Não; a demora é pequena. Vinha pedir-lhes

um grande obsequio. Preciso de quinhentos mil réis.

As Guedes entreolharam-se estupefactas.

A recusa foi categorica e formal. Não podiam naquella occasião dispor nem de quinhentos réis, quanto mais de quinhentos mil réis. A « pouca vergonha » de 13 de Maio deixara-as quasi na miseria. Se não possuíssem aquella « humilde choupana » e mais dous sobrados na rua dos Pescadores, estariam reduzidas á miseria.

Angelica sahiu despeitadissima; entretanto, não desanimou. O passivo e solícito cocheiro levou-a ainda á presença de seis amigas ricês, e todas lhe disseram não! Em toda parte a misera encontrava esse monosyllabo terrível!

Ao meio-dia, humilhada, indisposta, em jejum, com os nervos excitados por aquella violenta caçada, por aquelle perseguir uma quantia miseravel, que lhe fugia das mãos obstinadamente, a pobre Angelica teve um gesto expressivo e supremo de resolução e coragem.

Alguns minutos depois, o *coupé* deixava-a no largo de S. Francisco. Ella tomou a pé a rua do

Rosario, atravessou a da Quitanda, dobrou a da Alfandega, e, sobresaltada, palpitante, com muito medo de que a vissem, entrou precipitadamente num casarão de dous andares.

No corredor hesitou alguns segundos antes de subir ; mas, enchendo-se de animo, galgou ligeiramente as escadas até o segundo andar. Abriram-lhe logo a porta, e ella, tremula, offegante, com as mãos muito frias, sem poder proferir uma palavra, cahiu nos braços de um homem, que a recebeu com um beijo, e lhe disse :

— Estava escripto que mais dia menos dia a senhora se compadeceria dos meus tormentos...

— O que me traz á sua casa é uma questão de honra ; conto com a sua discrição e o seu cavalheirismo. Preciso de...

Angelica envergonhou-se de se vender por tão pouco, e quadruplicou a quantia :

— Preciso de dous contos de réis.

— Já ?

— Já.

..

O relógio da Candelaria batia duas horas quando

madame Braga Lopes, perfeitamente almoçada, desceu as escadas da casa da rua da Alfandega.

Póde ser que o arrependimento apparecesse mais tarde; naquelle momento ella era toda satisfação e triumpho.

A gentil peccadora entrou radiante na rua do Ouvidor, e foi ter ao Palais-Royal.

— Ainda ahi está? perguntou a um dos caixeiros da loja, com receio de que mais uma vez lhe dissessem não.

— Ainda, e ás suas ordens.

— Bom, accrescentou ella, depois de um prolongado suspiro; aqui estão os quinhentos mil réis. Mande-m'o á casa.

— Com effeito! exclamou Braga Lopes quando Angelica lhe appareceu ás tres horas. Com effeito! passaste o dia inteiro na rua!...

— Sim, vê lá se achas que uma mulher, que só tem brilhantes falsos e joias de pechisbeque, possa facilmente arranjar quinhentos mil réis...

— Mas para que precisavas tu desse dinheiro?

perguntou indifferentemente o extraordinario marido.

— Uma questão de honra, meu amigo. Imagina que me apaixonei por um vestido que vi hontem na *vitrine* do Palais-Royal; imagina que a Laurita Lobo queria por força ficar com elle; imagina que o dono da loja declarou que o entregaria á primeira das duas que lhe levasse quinhentos mil réis!...

— Ah! bom! assim, sim, obtemperou Braga Lopes, que recommçou fleugmaticamente a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

A COSINHEIRA

A COSINHEIRA

I

Araujo entrou em casa alegre como uma passari-
nho. Atravessou o corredor cantarolando a *Mascotte*,
penetrou na sala de jantar, e atirou para cima do
aparador de *vieux-chêne* um grande embrulho qua-
drado; mas de repente deixou de cantarolar e
ficou muito serio: a mesa não estava posta! Consul-
tou o relógio: eram cinco e meia.

— Então que isto? São estas horas e a mesa ainda
neste estado! — Maricas!

Maricas entrou, arrastando lentamente uma ele-
gante bata de seda.

Araujo deu-lhe o beijo conjugal, que ha tres annos estalava todos os dias á mesma hora, invariavelmente — e interpelou-a :

— Então o jantar ?

— Pois sim, espera por elle !

— Alguma novidade ?

— A Josepha tomou um pileque onça, e foi se embora sem ao menos deitar as panelas no fogo !

Araujo cahiu anniquilado na cadeira de balanço. Já tardava ! A Josepha servia-os ha dous mezes, e as outras cosinheiras não tinham lá parado nem oito dias !

— Diabo ! dizia elle irritadissimo ; diabo !...

E lembrava-se da terrivel estopada que o esperava no dia seguinte : agarrar no *Jornal do Commercio*, metter-se n'um tilbury, e subir cincoenta escadas á procura de uma cosinheira !

Ainda da ultima vez tinha sido um verdadeiro inferno ! — Papapá ! — Quem bate ? — Foi aqui que annunciaram uma cosinheira ? — Foi, mas já está alugada. — Repetiu-se esta scena um ror de vezes !

— Vae a uma agencia, aconselhou Maricas.

— Ora muito obrigado ! — bem sabes o que temos soffrido com as taes agencias. Não ha nada peor.

E emquanto Araujo, muito contrariado, agitava

nervosamente a ponta do pé e dava pequenos estalidos de lingua, Maricas abria o embrulho que elle ao entrar deixára sobre o aparador.

— Oh, como é lindo! exclamou, extasiada diante de um magnifico chapéo de palha, com muitas fitas e muitas flores. Ha de me ficar muito bem. Decididamente és um homem de gosto!

E, sentando-se no collo de Araujo, agradecia-lhe com beijos e caricias o inesperado mimo. Elle deixava-se beijar friamente, repetindo sempre :

— Diabo! diabo!...

— Não te amofines assim por causa de uma cosinheira.

— Dizes isso porque não és tu que vaes correr a via sacra á procura de outra.

— Se queres, irei; não me custa.

— Não! Deus me livre de dar-te essa massada. Irei eu mesmo.

E beijou-a.

Ergueram-se ambos. Elle parecia agora mais resignado, e disse :

— Ora adeus! vamos jantar num hotel!

— Apoiado! Em qual ha de ser?

— No Daury. E'o que está mais porto. Ir agora á cidade seria uma grande massada.

— Está dito: vamos ao Daury.

— Vae te vestir.

A's oito horas da noite Araujo e Maricas voltaram do Daury perfeitamente jantados e pozeram-se á fresca.

Ella mandou illuminar a sala, e foi para o piano assassinar miseravelmente a marcha da *Aida*; elle, deitado num soberbo divan estofado, saboreando o seu Rondueles, contemplava uma finissima gravura de Goupil, que enfeitava a parede fronteira, e lembrava-se do dinheirão que gastára para mobiliar e ornar aquelle bonito chalet da rua do Mattoso.

A's dez horas recolheram-se ambos. Largo e sumptuoso leito de jacarandá e páo-rosa, sob um docel de seda, entre cortinas de renda, offerecial-hes o infavel conchego das suas colchas adamascadas.

A' primeira pancada da meia-noite, Araujo ergueu-se de um salto, obedecendo a um movimento instintivo. Vestiu-se, poz o chapéo, deu um beijo de despedida em Maricas, que dormia profundamente, e sahiu de casa com mil cuidados para não despertal-a.

A uns cincoento passos do chalet, dissimulado na

sombra, estava um homem cujo vulto se approximou á medida que o dono da casa se afastava...

Quando o som dos passos de Araujo se perdeu de todo no silencio e elle desapareceu na escuridão da noite, o outro tirou uma chave do bolso, abriu a porta do chalet, e entrou...

Na occasião em que se voltava para fechar a porta, a luz do lampeão fronteiro bateu-lhe em cheio no rosto; se alguém houvesse defronte, veria no mysterioso noctivago um formoso rapaz de vinte annos.

Entretanto, Araujo desceu a rua Mariz e Barros, subiu a de São Christovam, e um quarto de hora depois entrava numa casinha de apparencia pobre.

II

Dormiam as crianças, mas dona Ernestina de Araujo ainda estava acordada.

O esposo deu-lhe o beijo convencional, um beijo apressado, que tinha uma tradição de quinze annos, e começou a despir-se para deitar-se

Araujo levava grande parte da vida a mudar de roupa.

— Venho achar-te acordada: isto é novidade!

— E' novidade, é. A Jacintha deu-lhe hoje para embebedar-se, e sahiu sem apromptar o jantar. Fiquei em casa sosinha com as crianças.

— Oh, senhor! é sina minha andar atraz de cozinheiras!

— Não te afflijas: eu mesma irei amanha procurar outra.

— Naturalmente, pois se não fores, nem eu, que não estou para massadas!

Depois que o marido se deitou, dona Ernestina, timidamente:

— E o meu chapéo? perguntou; compraste-o?

— Que chapéo?

— O chapéo que te pedi.

— Ah? já me não lembrava... Daqui a uns dias... Ando muito arreventado...

— E' que o outro já está tão velho...

— Vae-te arranjando com elle, e tem paciencia... Depois, depois...

— Bom... quando poderes.

E adormeceram.

Logo pela manhan a pobre senhora poz o seu chapéo velho e sahiu por um lado, enquanto o ma-

rido sahia por outro, ambos á procura de cosinheira.

Os pequenos ficaram na escola.

Os rendimentos de Araujo davam-lhe para sustentar aquellas duas casas. Elle almoçava com a mulher e jantava com a amante. Ficava até a meia-noite em casa desta, e entrava de madrugada para o lar domestico.

A amante vivia n'um bonito chalet; a familia morava numa velha casinha arruinada e suja. Na casa da mão esquerda havia o luxo, o conforto, o bem-estar; na casa da mão direita reinava a mais severa economia. Ali os guardanapos eram de linho; aqui os lençóes de algodão. Na rua do Mattoso havia sempre o superfluo; na rua de São Christovam muitas vezes faltava o necessario.

Araujo promptamente arranjou cosinheira para a rua do Mattoso, e á meia-noite encontrou a esposa muita satisfeita:

— Queres saber, Araujo?! Dei no vinte! Achei uma excellente cosinheira!

— Serio?

— Que jantar esplendido! Ha muito tempo não comia tão bem! Esta não me sae mais de casa!

Pela manhan, a nova cosinheira veio trazer o café para o patrão, que se achava ainda recolhido, lendo a *Gazeta*. A senhora estava no banho; os meninos tinham ido para a escola.

— Eh! eh! meu amo, é voçumcê que é dono da casa?

Araujo levantou os olhos; era a Josepha, a cosinheira que tinha estado em casa de Maricas!

— Cala-te, diabo! Não digas aqui que me conheces!

— Sim, sinhô.

— Com que então tomaste ante-hontem um pileque onça e nos deixaste sem jantar, heim?

— Mentira só, meu amo; Josepha nunca tomou pileque. Minh'ama foi que me botou p'ra fóra!

— Ora essa! Por que?

— Ella me xingou pru via das compra, e eu ameaçou ella de dizê tudo a voçumcê.

— Tudo que?

— A historia do estudante que entra em casa á meia-noite quando voçumcê sae.

— Cala-te! disse vivamente Araujo, ouvindo os

passos de dona Ernestina, que voltava do banho

O nosso heróe promptamente se convenceu de que a Josepha lhe havia dito a verdade. Em poucos dias desembaraçou-se da amante, deu melhor casa á mulher e aos filhos, começou a jantar em familia, e hoje não sae á noite sem dona Ernestina. Tomou juiso e vergonha.



CAIPORISMO

— Oh, diabo! entremos neste café, e, enquanto tomamos alguma coisa, conta-me qual tem sido a tua vida nestes doze annos de ausencia.

Passava-se isto na rua do Ouvidor, em frente ao Paschoal. Os dous amigos e comprovincianos entraram no café de Rio, e sentaram-se a uma das mesas.

II

— A minha vida, principiou Secundino, resume-se n'uma palavra: miseria. Quando vieste da Victoria e lá me deixaste, eu era ainda, por bem dizer, uma criança. Vivia em casa de minha familia, onde nada me faltava. Morreu meu pae, morreu minha mãe, minhas irmans casaram-se, e eu fiz-me socio de uma loja de fazendas. Ao fim de seis mezes, abriram-me fallencia. Sahi com uma mão atraz e outra adiante, e fui ser caixeiro de um bruto, um ingrato, que, ao fim de oito annos, em vez de me dar sociedade, passou a casa a um sujeito meu desaffecto. Desgos-

tosos, abandonei o commercio e quiz ser empregado publico. Apresentei-me em quatro concursos, e, apesar de bem classificado, não consegui que me nomeassem. Fundei uma folha, que acabou logo por falta de assignantes. Contractei casamento com a filha de um fazendeiro rico de S. Matheus, e a minha querida noiva, que me estimava muito, morreu um mez antes do dia marcado para o casamento. Afinal, desesperado, baldado inteiramente de recursos, aceitei um logar de continuo na Thezouraria de Fazenda...

— Tu?! Com as tuas habilitações?!

— E' para que vejas, respondeu Secundino com lagrimas na voz. Mas isso mesmo foi considerado muito para mim. Demittiram-me accintosamente por não ter votado no candidato official nas ultimas eleições. Resolvi então vir para o Rio de Janeiro, ao Deus dará... Arranjei duzentos e tantos mil réis, vendendo tudo quanto possuia, e aqui estou sem emprego, sem esperanças, sem promessas, sem relações, e com sessenta mil réis no bolso. E' tudo quanto me resta da minha fortuna.

— Pois bem, offereço-te um emprego.

— Devéras?

— Oh! não é coisa para arregalares d'esse modo os olhos. E' um biscato, que te póde servir emquanto não arranjas coisa melhor.

— Tudo me serve, meu amigo : a minha situação é desesperadora.

— Pois bem. Conheces a viuva Salgado?

— Não conheço aqui ninguém.

— Tens razão. A viuva Salgado é uma senhora riquissima. Tem duas filhas. Quer que ellas saibam francez e inglez, e me incumbiu de contractar um professor que lhes dê lições em casa, duas vezes por semana, ganhando cento e vinte mil réis mensaes.

— Mas é uma pechincha!

— Não tens que perder tempo. Aqui está um cartão meu para te apresentares hoje mesmo, agora mesmo, se quizeres, em casa da viuva Salgado.

— Onde é?

— Rua do Cattete.

— Numero?

— Não sei o numero, mas o conductor te indicará a casa. Não ha quem não conheça a viuva Salgado. Olha, toma-se o bonde alli defronte e para-se mesmo na porta. Sabes onde é o ministerio dos Estrangeiros?

— Não.

— Conheces o palacio do Nova Friburgo? Deves conhecer, que diabo! já tens oito dias de Rio de Janeiro!

— Conheço.

— Pois é nessas immediações; quasi defronte.

— Já sei pouco mais ou menos onde deve ser.

— Pois vae tomar o bonde, e sê feliz.

D'ahi a dous minutos, Secundino partia para a rua do Cattete.

III

O bonde parou no largo da Carioca.

Uma senhora de meia idade, muito gorda, muito feia, mas luxuosamente vestida, approximou-se para entrar no carro. Havia um unico logar desoccupado ao pé de Secundino. Este encolheu-se todo para deixar entrar a senhora, que só a muito custo conseguiu abrir caminho entre os joelhos do provinciano e o banco da frente.

Depois de sentada, a senhora gorda encarou o seu visinho com um olhar cheio de odio, e disse bem alto, para que todos ouvissem :

— Com effeito! Sempre ha sujeitinhos muito malcriados!

E repetiu, depois de alguns segundos :

— Sujeitinhos muito malcriados!

— Isso é commigo, minha senhora? perguntou Secundino timidamente.

— Pois com quem ha de ser? Se fazia tanto empenho em ficar na ponta do banco, devia levantar-se um instantinho para deixar-me passar sem me magoar as pernas nem me amarrotar o vestido! Ora vejam como ficou esta saia!

— Minha senhora, quem não se quer sujeitar a estas contrariedades, não anda de bonde: aluga um carro.

— Cale-se! Não seja insolente! Você responde assim por ver que não tenho um homem a meu lado!

E a senhora gorda percorreu com os olhos todos os passageiros do bonde, na esperança de que algum tomasse as dorés por ella.

— O meu caiporismo! reflectiu Secundino. E, enfiado, apeiou-se no largo da Mãe do Bispo.

IV

Veio outro bonde. O provinciano entrou nelle, e um quarto de hora depois subia a escada da viuva Salgado.

Calçou o botão de uma campainha electrica. Veio um copeiro encasacado. Secundino entregou o cartão do seu amigo Borges, e esperou.

D'ahi a cinco minutos abriram-lhe a porta da sala, uma sala opulenta, atapetada com luxo, mobiliada sumptuosamente, cheio de quadros e quinquilharias.

Esperou meia hora. Rasgou-se, afinal, um repositivo de seda, e appareceu a dona de casa.

A viuva, mal encarou Secundino, gritou, cheia de surpresa e de colera :

— Pois é você, seu malcriado?! E eu que suppunha ser o senhor Borges! Ponha-se já, já no olho da rua! Já!...

Secundino reconhecêra na viuva Salgado a senhora gorda do bonde. Sahiu da sala precipitadamente, e desceu a escada aos pulos. Só respirou na rua.

Foi, realmente, muito caiporismo!

PLEBISCITO

PLEBISCITO

A scena passa-se em 1890.

A familia está toda reunida na sala de jantar.

O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abbade.

Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canario belga.

Os pequenos são dous, um menino e uma menina. Ella distrae-se a olhar para o canario. Elle, encostado á mes , os pés cruzados, lê com muita attenção uma das nossas folhas diarias.

Silencio.

*

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta :

— Papae, que é plebiscito?

O senhor Rodrigues fecha os olhos immediatamente para fingir que dorme.

O pequeno insiste :

— Papae?

Pausa :

— Papae?

Dona Bernardina intervem :

— O' seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remedio senão abrir os olhos.

— Que é? que desejam vocês?

— Eu queria que papae me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz! Então tu vaes fazer doze annos e não sabes ainda o que é plebiscito?

— Se soubesse não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continúa muito occupada com a gaiola :

— O' senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!

— Não admira que elle não saiba, porque eu tambem não sei.

— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?

— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você é muito proza. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? A gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que você não ha de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletario. Você falou, falou, falou, e o menino ficou sem saber!

— Proletario, acudiu o senhor Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.

— Sim, agora sabe porque foi ao dicionario; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridiculo na presença destas crianças!

— Oh! ridiculo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: — Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vae buscar o dicionario, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se de um impeto e brada:

— Mas se eu sei!

— Pois se sabe, diga!

— Não digo para me não humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!

E o senhor Rodrigues, exasperadissimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vae para o seu quarto, batendo violentamente a porta.

No quarto havia o que elle mais precisava naquella occasião : algumas gotas de agua de flor de laranja e um dictionario...

*

A menina toma a palavra :

— Coitado de papae! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fosse tolo, observa dona Bernardina, e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!

— Pois sim, acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntario de toda aquella discussão ; pois sim, mamãe ; chame papae e façam as pazes.

— Sim ! sim ! façam as pazes ! diz a menina em tom meigo e supplicante. Que tolice ! duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito !

Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vae bater á porta do quarto :

— Seu Rodrigues, venha sentar-se ; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se immediatamente. Elle entra, atravessa a casa, e vae sentar-se na cadeira de balanço.

*

— E' boa ! brada o senhor Rodrigues depois de largo silencio ; é muito boa ! Eu ! eu ignorar a significação da palavra *plebiscito* ! Eu !...

A mulher e os filhos approximam-se d'elle.

O homem continua n'um tom profundamente dogmatico :

— Plebiscito...

E olha para todos os lados a ver se ha por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.

— Ah ! suspiram todos, aliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil ! E' mais um estrangeirismo !...

A PRAIA DE SANTA LUZIA

A PRAIA DE SANTA LUZIA

Mauricio casara-se muito cedo, aos dezenove annos, e era feliz, porque ia completar os vinte e quatro sem ter o menor motivo de queixa contra a vida conjugal.

Justiça se lhe faça : era marido exemplarissimo em terra tão perigosa para os rapazes da sua idade. Tinha essa virtude burgueza, que as mulheres amantes collocam acima dos sentimentos mais elevados : era caseiro. Ia para a repartição ás nove horas, e ás quatro estava em casa, invariavelmente. Só por excepção sahia á noite, mas acompanhado por sua mulher. Adorava-a.

Adorava-a, mas um dia...

Não ! não precipitemos o conto ; procedamos com methodo :

Mauricio exercia na Alfandega um modesto emprego de escriptuario, e, como residisse nas proximidades do Passeio Publico, e era por natureza commodista e ordenado, tomava systematicamente, ás nove horas, o bondinho que contornava parte do morro do Castello, e ia despejal-o no Carceller, perto da repartição.

Habitou-se a atravessar todas as manhans dos dias uteis a praia de Santa Luzia, e, afinal, tanto se apaixonára por esse sitio, realmente bello, que por coisa alguma renunciaria ao innocente prazer de contemplal-o com tão rigorosa pontualidade.

Num dia as montanhas da outra banda parecia desfazerem-se em nuvens tenues e azuladas, confundindo-se com o horizonte longinquo ; noutro, violentamente batidas pelo sol, tinham contornos energeticos e destacavam-se no fundo ceruleo da tela maravilhosa. Outeiro da Gloria, a fortaleza de Ville-gaignon, a ponta pedregosa de Arsenal de Guerra, — tudo isso encantava o nosso Mauricio pelos seus diversos e successivos aspectos de coloração. Era ali e só ali que notava e lhe comprazia a volubilidade caracte-

ristica da natureza fluminense — moça faceira que cada dia inventa novos enfeites e arrebiques.

E o bello e opulento arvoredado defronte de Santa Casa? Como era agradável atravessar a sombra daquellas arvores frondosas e venerandas, cuja seiva parece alimentada por tantas vidas que se extinguem no hospital fronteiro!

A praia de Santa Luzia de tal modo o extasiava, que, ao passar pelo Necroterio, Mauricio descobria-se, mas desviava os olhos para que o espectáculo da morte não lhe desfizesse a boa e consoladora impressão do espectáculo da vida.

Notava com desgosto que outros passageiros do bondinho estendiam o pescoço, voltando-se para inspecionar a lugubre capelinha. Pela expressão de curiosidade satisfeita, ou de contrariedade, que elle claramente lia no rosto desses passageiros, adivinhava se havia ou não cadaveres lá dentro.

Um velhote, com quem se encontrava assiduamente no bondinho, e já o comprimentava, de uma feita o aborreceu bastante, dizendo-lhe, depois de olhar para o Necroterio:

— Tres hospedes!

Foi morar para a rua de Santa Luzia, numa casinha baixa, de porta e janella, certa familia pobre, de que fazia parte uma lindissima rapariga dos seus dezoito annos, morena, desse moreno purpureo, que deve ser a côr dos anjos do céo.

Mauricio via-a todas as manhans, e não desviava os olhos, como defronte do Necroterio ; pelo contrario, incluiu-a na lista dos prodigios naturaes que o deslumbravam todos os dias. A morena ficou fazendo parte integrante do panorama, em concurrencia com a serra dos Orgãos, o outeiro da Gloria, o ilhote de Villegaignon e as arvores da Misericordia.

Aquelle olhar chronometrico, infallivel, á mesma hora, no mesmissimo instante, acabou por impressionar a morena.

Pouco tardou para que entre o bondinho e a janela se estabelecesse ligeira familiaridade. Um dia a moça teve um gesto de cabeça, quasi imperceptivel, e Mauricio instinctivamente levou a mão ao chapéo. Dahi por diante nunca mais deixou de cumprimental-a.

Quinze dias depois, ella accompanhou o cumprimento por um sorriso enfeitado pelos mais bellos dentes do mundo, e isso lhe revelou, a elle, que a belleza de tão importante accessorio do seu panorama tambem variava de aspecto.

Mauricio correspondeu ao sorriso, machinalmente, com os labios curvados por uma sympathia irresistivel, — e se os dous jovens já se não viam sem se comprimentar, de então por diante não se comprimentavam sem sorrir um para o outro

Um dia o cumprimento mudou inesperadamente de fórma ; ella disse-lhe adeus com a mãosinha, agitando os dedos com muita sem-cerimonia, como o faria a um amigo intimo. Elle imitou-a, num movimento natural, espontaneo, quasi inconsciente.

Estavam as coisas neste ponto — o fogo ao pé da polvora — quando um dia, depois do cumprimento e do sorriso habituaes, um moleque saltou levipede á plataforma do bondinho, e entregou uma carta a Mauricio :

— Está que sinhasinha mandou.

O moço, muito sorpreso e um pouco vexado, pois percebeu que o velhote, o tal da pilheria dos tres hospêdes, e dous estudantes de medicina riam á socapa, guardou a carta no bolso, e só foi abril-a na Alfandega :

« Me escreva e me diga como chama-se, em que anno está e cuando se fórma, e quero saber si gos-

tas de mim por pagatempo ou si pedes a minha mão a minha familia, que é meu Pay minha Mãe e um irmão. Desta que lhe ama, — *Adelia.* »

Mauricio cahiu das nuvens, e só então reparou que commettêra uma monstruosidade. Nunca lhe passaram pela cabeça ideias de namoro. Amava muito sua mulher, a mãe de seu filho, e era incapaz de trahil-a, descencaminhando uma pobre menina que o suppunhasolteiro e estudante, e era para elle apenas um accessorio do seu panorama.

Aquella carta surprendera-o tanto, como se a propria fortaleza de Villegaignon lhe perguntasse : — Quando te casas commigo ? — ou a ermida da Gloria lhe dissesse : — Pede-me a papae !...

Nas occasiões difficeis Mauricio consultava o seu chefe de secção, que o apreciava muito.

Expoz-lhe francamente o caso, e perguntou-lhe :

— Que devo fazer ?

— Uma coisa muito simples : nunca mais passar pela praia de Santa Luzia. Olhe que o menos que pôde arranjar é uma tunda de páo !

— Mas o senhor não imagina o sacrificio que me aconselha ! A praia de Santa Luzia entrou de tal

fórma nos meus habitos, que hoje até me parece indispensavel á existencia. Por amor de Deus não me prive da praia de Santa Luzia !...

— Nesse caso, diga-lhe francamente que é casado.

— Dizer-lhe... Mas como ?

— Amanhan, quando passar, em vez de comprimental-a, mostre-lhe o seu annel de casamento. Ella comprehenderá.

Mauricio cumpriu a recommendação á risca, e Adelia viu perfeitamente a grossa alliança de ouro.

Mas no dia seguinte a moça esperou-o ainda mais satisfeita e risonha que na vespera — e o molêque, trepando pela segunda vez á plataforma do carro, entregou a Mauricio outra cartinha.

— Que diabo ! pensou elle, guardando a epistola. Ella sorria. Vaidade feminina, não é outra coisa... Sorria para que eu não a suppuzesse despeitada. As mulheres são assim. Faço idéa da descompostura que aqui está escripta !

Enganava-se :

« Meu amor — Vejo quevossê já comprou sua Aliansa e eu tamben ontem mesmo incommendei a minha, amanhã paça a pé e me diz quando formas-te e quando

pedes-me a meu Pay. Nen çei o teu nome. Tua até morrer, — *Adelia.* »

Maurício tomou — pudera ! — a heroica e sublime resolução de se privar da praia de Santa Luzia

BLACK

5.

BLACK

Leandrinho, o moço mais elegante e mais peralta do bairro de São Christovam, frequentava a casa do senhor Martins, que era casado com a moça mais bonita da rua do Páo-Ferro.

Mas, por uma singularidade notavel, tão notavel que a visinhança logo notou, Leandrinho só ia á casa do senhor Martins quando o senhor Martins não estava em casa.

Esperava que elle sahisse e tomasse o bonde que o transportava á cidade, quasi á porta da sua repartição; entrava no corredor com a petulancia do guerreiro em terreno conquistado, e dona Candinha (assim se chamava a moça mais bonita da rua do

Páo-Ferro) introduzia-o na sala de visitas, e de lá passavam ambos para a alcova, onde os esperava o thalamo aviltado pelos seus amores ignobeis.

A ventura de Leandrinho tinha um unico senão : havia na casa um cãesinho de raça, um *bull-terrier*, chamado Black, que latia desesperadamente sempre que farejava a presença daquelle estranho.

Dir-se-ia que o intelligente animal comprehendia tudo e daquelle modo exprimia a indignação que tamanha patifaria lhe causava.

Entretanto, o inconveniente foi remediado. A poder de caricias e pandelós, a pouco e pouco logrou o afortunado Leandrinho captar a sympathia de Black, e este, afinal, vinha aos pulos recebê-lo á porta da rua, e acompanhava-o no corredor, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

As mulheres viciosas e apaixonadas comprazem-se na approximação do perigo; por isso, dona Candinha desejava ardentemente que Leandrinho travasse relações de amizade com o senhor Martins.

Tudo se combinou, e uma bella noite os dous amantes se encontraram, como por acaso, num saráo do Club Familiar da Cancellia. Depois de dansar com elle uma valsa e duas polkas, ella teve o desplante de apresental-o ao marido.

Sucedeu o que invariavelmente succede. A manifestação da sympathia do senhor Martins não se demorou tanto como a de Black : foi fulminante.

Os maridos são por via de regra menos desconfiados que os *bull-terriers*.

O pobre homem nunca tivera diante de si cavelheiro tão sympathico, tão bem educado, tão insinuante. Ao terminar o saráo, pareciam dous velhos amigos.

A' sahida do club, Leandrinho deu o braço a dona Candinha, e, como « tambem morava para aquelles lados », acompanhou o casal até a rua do Páo-Ferro.

Separaram-se á porta de casa.

O marido insistiu muito para que o outro apparecesse. Teria o maior prazer em receber a sua visita. Jantavam ás cinco. Aos domingos um pouco mais cedo, pois nesses dias a cosinheira ia passear.

— Hei de apparecer, prometteu Leandrinho.

— Olhe, venha quarta-feira, disse o senhor

Martins. Minha mulher faz annos nesse dia. Mata se um Perú, e ha mais alguns amigos á mesa, poucos, muito poucos, e de nenhuma cerimonia. Venha. Darnos-á muito prazer.

— Não faltarei, protestou Leandrinho.

E despediu-se.

— E' muito sympathico, observou o senhor Martins mettendo a chave no trinco.

— E', murmurou seccamente dona Candinha.

Black, que os farejára, esperava-os lá dentro, no corredor, grunhindo, arranhando a porta, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

Na quarta-feira aprasada Leandrinho embonecou-se todo e foi á casa do senhor Martins, levando consigo um soberbo ramo de violetas.

O dono da casa, que estava na sala de visitas com alguns amigos, encaminhou-se para elle de braços abertos, e dispunha-se a apresental-o ás pessoas presentes, quando Black veio a correr lá de dentro, e começou a fazer muitas festas ao recém-chegado, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as

mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

O senhor Martins, que conhecia o cão e sabia-o incapaz de tanta familiaridade com pessoas estranhas, teve uma ideia sinistra, e como os dous amantes enfiassem, a situação ficou para elle perfeitamente esclarecida.

Não se descreve o escandalo produzido pela innocente indiscrição de Black. Basta dizer que, a despeito da intervenção dos parentes e amigos ali reunidos, dona Candinha e Leandrinho foram postos na rua a pontapés valentemente applicados.

O senhor Martins, que não tinha filhos, a principio soffreu muito, mas afinal habituou-se á solidão.

Nem era esta assim tão grande, pois, todas as vezes que elle entrava em casa, vinha recebê-lo o seu bom amigo, o indiscreto Black, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

A FILHA DO PATRÃO

A ARTHUR DE MENDONÇA

A FILHA DO PATRÃO

O commendador Ferreira esteve quasi a agarral-o pelas orelhãs e atiral-o pela escada abaixo com um pontapé bem applicado. Pois não! um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! que elle estivesse durante tantos annos a ajuntar dinheiro para encher os bolsos a um valdevinos da quella especie, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era

a rapariga mais bonita e mais bem educada de toda a rua de S. Clemente! Boas!

O commendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta secca e decisiva, um « Não, meu caro senhor » capaz de dasanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astucias do coração.

O pobre rapaz sahi atordoado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não passaram de timido projecto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou animo e disse aos seus botões : — Pois ha de ser minha, custe o que custar! — Voltou-se, e viu numa janella Adosinda, a filha do commendador, que desesperadamente lhe fazia com a cabeça signaes interrogativos. Elle estalou nos dentes a unha do pollegar, o que muito claramente queria dizer : — Babão! — e, como eram apenas onze horas, foi dali direitinho espaiar no Derby-Club. Era domingo e havia corridas.

O commendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha, e surpreendeu-a a fazer os taes signaes interrogativos. Dizer que ella não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço, seria faltar á verdade que devo aos pacientes leitores; apanhou-o, coitadinha! e naturalmente, a

julgar pelo grito estridulo que deu, exaggerou a dor physica produzida por aquella grosseira manifestação da colera paterna.

Seguiu-se um dialogo terrivel :

— Quem é aquelle pelintra?

— Chama-se Borges.

— De onde o conhece você?

— Do Club Guanabarensense... daquella noite em que papae me levou...

— Elle em que se emprega? que faz elle?...

— Faz versos.

— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?

— Não tenho culpa; culpado é o meu coração.

— Esse vagabundo algum dia lhe escreveu?

— Escreveu-me uma carta.

— Quem lh'a trouxe?

— Ninguem. Elle mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janella.

— Que lhe dizia elle nessa carta?

— Nada que me offendesse; queria a minha autorisação para pedir-me em casamento.

— Onde está ella?

— Ella quem?

— A carta!

Adosinda, sem dizer uma palavra, tirou a carta do

seio. O commendador abriu-a, leu-a, e guardou-a no bolso. Depois continuou :

— Você respondeu a isto?

A moça gaguejou.

— Não minta!

— Respondi, sim, senhor.

— Em que termos?

— Respondi que sim, que me pedisse.

— Pois olhe : prohibo-lhe, percebe? pro-hi-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que elle anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Bemvindo (Bemvindo era o cosinheiro do commendador Ferreira), e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe digo nada !...

II

Tres dias depois desse dialogo. Adosinda fugiu de casa em companhia do seu Borges, e o rapto foi auxiliado pelo proprio Bemvindo, com quem o namorado dividiu um dinheiro ganho nas corridas do

Derby. Até hoje ignora o commendador que o seu fiel cosinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pae ficou possesso, mas não fez escandalo, não foi á policia, não disse nada nem mesmo aos amigos intimos; não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve rasão, porque, passados quatro dias, Adosinda e o Borges vinham, á noite, ajoelhar-se aos seus pés e pedir-lhe a bençã, como nos dramalhões e novelas sentimentaes.

III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o commendador Ferreira deveria perdoar aos dous namorados, e tratar de casal-ossem perda de tempo; mas infelizmente as coisas não se passaram assim, e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoismo.

Com a resolução de quem longamente se preparara para o que dêsse e viesse, o commendador tirou

do bolso um revólver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando :

— Seu biltre, ponha-se immediatamente no olho da rua, se não quer que lhe faça saltar os miolos !...

A esse argumento intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor á pelle, fugiu como se o arrebatassem azas invisíveis.

O pae foi fechar a porta, guardou o revólver, e, approximando-se de Adosinda, que, encostada ao piano, tremia como varas verdes, abraçou-a e beijou-a com um carinho que nunca manifestára em occasiões menos inopportunas.

A moça estava assombrada; esperava, pelo menos, a maldição paterna; era, desde pequenina, orphan de mãe; e habituara-se ás brutalidades do pae; aquelle beijo e aquelle abraço affectuosos encheram-na de confusão e de pasmo.

O commendador foi o primeiro a falar :

— Vês? disse elle, apontando para a porta; vês? O homem por quem abandonaste teu pae é um covarde, um miseravel, que foge diante do cano de um revólver! Não é um homem!...

— Isso é elle, murmurou Adosinda baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfaziam a pallidez do rosto.

O pae sentou-se no sophá, chamou a filha para

perto de si, fel-a sentar-se nos seus joelhos, e, num tom de voz meigo e unctuoso, pediu-lhe que se esquecesse do homem que a raptára, um trocatintas, um leguelhé que lhe queria o dote, e nada mais; pintou-lhe um futuro de vicissitudes e miserias, longe do pae que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, desse pae que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhoso dos paes.

No fim dessa catechese, a moça parecia convencida de que nos braços do Borges não encontraria realmente toda a felicidade possivel; mas...

— Mas agora... é tarde, babuciou ella; e voltaram-lhe á face as purpurinas rosas de ainda ha pouco.

— Não; não é tarde, disse o commendador; conheces o Manoel, o meu primeiro caixeiro do armazem?

— Conheço : é um enjoado.

— Qual enjoado! E' um rapaz de muito futuro no commercio, um homem de conta, peso e medida! Não descobriu a polvora, não faz versos, não é janota, mas tem um tino para o negocio, uma perspicacia que o levará longe, has de ver!

E durante um quarto de hora o commendador Ferreira gabou as excellencias do seu caixeiro Manoel.

Adosinda ficou vencida.

A conferencia terminou por estas palavras :

— Falo-lhe?

— Fale, papae.

IV

No dia seguinte o commendador chamou o caixeiro ao escriptorio, e disse-lhe :

— Seu Manoel, estou muito contente com os seus serviços.

— Oh! patrão!

— Você é um empregado zeloso, activo e morigerado; é o modelo dos empregados.

— Oh! patrão!

— Não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa : dou-lhe cinco por cento além do ordenado.

— Oh! patrão! isso não faz um pae ao filho!...

— Ainda não é tudo. Quero que você se case com minha filha. Doto-a com cincoenta contos.

O pobre diabo sentiu-se engasgado pela commoção : não pode articular uma palavra.

— Mas eu sou um homem serio, continuou o pa-

trão; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem.

O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as palpebras, ajustou os lábios em bico, e respondeu com um sorriso resignado e humilde :

— Oh! patrão! ainda mesmo que fosse, não fazia mal!

ARDIL

A RAUL POMPEIA

6.

ARDIL

— A que devo o prazer de uma visita a estas horas ? perguntou a viscondessa ao entrar na sala, onde, havia quinze minutos, a baroneza castigava o tapete com um pé pequenino e admiravelmente calçado.

Ergueu-se a formosa visitante, e suspirou, alliviada pela presença da amiga íntima. Depois dos beijinhos consuetudinarios, sentaram-se ambas.

— O visconde ainda dorme ?

— Ainda, e não acordará tão cedo : são apenas sete horas.

— Posso falar sem receio ?

— Estamos completamente sós.

Houve uma pequena pausa.

— Temos então algum mysterio ? interrogou a dona da casa, concertando as dobras da sua magnifica bata de rendas brancas. Historias do coração, aposto ?

— Do coração ? Não sei. Ha quem diga que estas coisas nada têm que ver com elle, mas com a cabeça... Em todo o caso, fazem padecer.

— A quem o dizes !

— Não durmo ha duas noites... ha tres dias não abro o piano... Amor ? — sei lá ! Despeito, raiva, talvez...

— Conta-me tudo, disse a viscondessa, enxugando com os labios duas lagrimas que tremeluziam nos olhos da amiga ; conta-me tudo. Os meus trinta e nove outomnos estão, como sempre, ás ordens das tuas vinte e cinco primaveras. Adivinho que se trata do Bittencourt.

— Fale mais baixo.

— Não tenhas medo.

— Sim, venho ainda uma vez ao encontro dos seus conselhos... Ha oito mezes a senhora ensinou-me a subjugal-o, a escravisal-o aos meus caprichos, aos meus impetos, ao meu amor ; hoje, que elle se mostra

arredio, farto e insolente, só a senhora, com a sua experiencia, a sua calma, o seu bom senso e, sobretudo, a sua amisade, me indicará os meios de reconquistal-o sem triumpho para elle nem humilhação para mim. A senhora teve quatro amantes...

— Tres, interrompeu serenamente a viscondessa ; ao quarto não se pôde ainda applicar o preterito mais que perfeito : está no pleno goso da sua conquista.

— Pois bem, tres, e nenhum delles a desprezou ; no momento opportuno a senhora desfez-se habilmente de todos tres, sem deixar a nenhum o direito de dizer, ao vel-a passar pelo braço do visconde : Fui eu que não quiz mais...

Houve outra pausa.

— Imagine, proseguiu a baroneza, imagine que ha mez e meio só tenho estado com elle no Lyrico, durante os espectaculos. Procura, para comprimentar-me, justamente as occasiões em que meu marido está no camarote. Escrevi-lhe duas cartas e um bilhete postal ; não tive resposta !

— Que horror ! murmurou a viscondessa, profundamente impressionada.

— Vamos... diga-me... aconselhe-me ! Que devo fazer ?... Estou irresoluta... a senhora bem sabe... é o meu primeiro amante...

— Deixa-me pensar, filhinha, deixa-me pensar. Estas coisas não se decidem assim, num abrir e fechar d'olhos !

E, depois de reflectir alguns segundos, tamborilando com os dedos nos braços da poltrona, a viscondessa inqueriu com a seriedade de um velho advogado, compromettido a defender causa importante :

— Vejamos : o Bittencourt, segundo me consta, contrahiu ultimamente uma divida de gratidão com teu marido...

— Sim, creio que sim... O barão, ao que parece, interveio com muito empenho para que lhe dessem aquelle bello emprego...

— Uma verdadeira sinecura.

— Mas... que tem isso ?

— Tem tudo, filhinha : a moral facil d'esses senhores prohibe-lhes que sejam amantes da mulher, desde que devam favores ao marido

— Quer isso dizer que taes favores são pagos á custa do nosso amor proprio...

— E do nosso proprio amor : o sacrificio é todo nosso ! Podem limpar a mão á parede com a sua moral !

— Mas, por fim de contas, que devo fazer ?

— Guerrear e vencer os escrupulos tolos do teu

amante ! Para isso é indispensavel que elle te escreva. *Verba volant, scripta manent.*

— Não sei latim.

— Quero dizer que nenhum homem, por mais intelligente, soube até hoje redigir uma epistola de amor sem se comprometter. Na sua carta o Bittencourt fatalmente renovarâ promesas, e o seu cavalheirismo — o seu cavalheirismo pelo menos — o obrigará a cumpril-as. E quando o vires de novo rendido a teus pés, manda-o passear ; não nos convêm esses amantes que fazem *pose* da sua falsa dignidade.

— Mas por amor de Deus, viscondessa ! Não lhe acabo de dizer que as minhas cartas têm ficado sem resposta ?

— A que lhe vaes escrever agora não ficará sem ella. Tenho um ardil que ha tempos empreguei com optimo resultado. Vem cá, acompanha-me.

A doutora levantou-se e dirigiu-se para um gabinete contiguo. A baroneza acompanhou-a.

— Senta-te, e escreve o que te vou dictar.

*

No dia seguinte o Bittencourt recebia este bilhete :

« Tenho-lhe escripto tres cartas, e de nenhuma recebi resposta. Não me queixo, perdão : o senhor deve andar muito preocupado com o seu novo emprego, e ha momentos, parece, em que todo o homem honesto é obrigado a sacrificar os seus affectos aos deveres e ás responsabilidades da vida pratica. Paciencia.

« Entretanto, como o senhor agora já deve estar mais folgado, tem por fim esta carta pedir-lhe a resposta das outras. — Sua *quand même*, L.

« *Post-scriptum*. — Ha aqui no meu bairro grande difficuldade em obter sellos do Correio, e, para evitar suspeitas, não quero mandar buscal-os á cidade. Peço-lhe que, com os cinco mil réis que inclusos encontrará, compre cincoenta sellos de tostão e m'os remetta dentro da sua carta quando me responder. — Sua, L.»

*

E ahi está como o Bittencourt voltou, forçado por uma nota de cinco mil réis !

UTIL INDA BRINCANDO

A URBANO DUARTE

7

UTIL INDA BRINCANDO

I

Uma noite o Leopoldo das Neves encontrou no Passeio Publico o Viriato Lopes, o Viriatinho da Estrada de Ferro, um bom camarada que ha muito tempo não via.

E, como os dous amigos se encaminhassem para o terraço, o Viriatinho chamou a attenção do outro para uma bonita mulher que descia a escada em companhia de um sujeito gordo.

— Oh, diabo! é a Clotilde! exclamou o Leopoldo das Neves.

E, levando o amigo pelo braço, embarafustou

CONTOS FORA DA MODA

e pela sombria alameda que contorna o lago.
Que é isso? Foges daquella mulher?

— Como o diabo da cruz!

— Porque?

— Porque me amola; se me visse, eu seria amannhan obrigado a explicar-lhe por miudo o que vim fazer ao Passeio Publico!

— Amola-te? Ora essa! Eis ahi o caso de dizer que dá Deus nozes...

— Perdão, tenho muito bons dentes!

— Nesse caso, és difficil!

— A Clotilde não é o meu typo.

— Pois é bonita como seiscentos diabos!

— Não nego; mas o meu ideal é outro. Quizera que a minha amante fosse alta, magra, loura, alva, de olhos azues, e tivesse vinte e quatro annos, quando muito. Quizera tambem que fosse viuva, conhecesse um pouco a Europa, e, sem ser litterata nem artista, gostasse das lettras e das artes.

— Quizeras muita coisa junta!

— A Clotilde é o contrario de tudo isso : é mais baixa que alta, é mais gorda que magra, é morena, tem olhos castanhos, e já completou a idade exigida para a senatoria...

— Do Imperio?

— Não; da Republica. — E' a digna esposa

daquelle negociante anafado e suarento que viste passar; adormece no Lyrico ouvindo o *Olhelo*; dá o cavaquinho pelos chromos de Guimarães Ferdinando, e delicia-se com a leitura de Xavier de Montépin, — traduzido, note-se, porque nem ao menos sabe francez!...

— E as tuas relações com ella têm tido caracter platonico... ou... positivo?

— Ah, meu amigo, eu dei-lhe, infelizmente, amplo direito de perseguir-me...

— Maganão!

— Quem principiou fui eu. Que queres?... a curiosidade... o vicio... a poesia do adulterio... Como isso foi? Não sei. Um encontro n'uma *soirée* familiar... um aperto de mão mais forte... uma valsa... durante a valsa uma troca de lenços... no lenço della um perfume capitoso e enervante... uma carta minha que ficou sem resposta... outra... outra ainda... outra, que foi respondida afinal... uma entrevista concedida depois de uma luta homerica entre duas fomes de beijos...

— Bonito!

— Uma entrevista em casa de uma cartomante da rua da Assembleia... Duas horas de prazer, e quatro annos de captivo e arrependimento!

— Quatro annos?

— Sim, meu Viriatinho, ha quatro annos que isto dura; ha quatro annos hypothequei a minha liberdade, o meu socego e o meu bom humor; ha quatro annos vivo aguilhoado a essa mulher, que se encontra commigo de oito em oito, de quinze em quinze dias, furtivamente, ás pressas, mas que me escreve todos os dias, e me atormenta com protestos, exigencias, lamurias, ameaças!...

E Leopoldo das Neves interrompeu a lista das impertinencias de Clotilde, batendo violentamente com a bengala na relva :

— Quatro annos! Ha quatro annos — calcula! — tenho o coração nas mãos, receioso que de um momento para outro o marido descubra tudo, ponha-a na rua a pontapés, e eu seja obrigado a ficar com aquella trouxa ás costas!...

— Vejo que já não a amas.

— Nem nunca a amei. Foi um capricho... Quinze dias depois da nossa primeira entrevista em casa da cartomante, já eu me sentia farto e aborrecido!

Os dous amigos encaminharam-se para o terraço.

A noite estava esplendida. Não havia luar, mas os astros brilhavam intensamente na profunda escuridão do céo. As ondas, derramando-se na praia, pareciam alvissimas rendas franjando uma enorme colcha azul.

— Queres um conselho, Viriatinho? Foge das ligações d'essa especie.

— Ah! de que me serve o teu conselho?

— Porque?

— Aqui onde me vês estou ralado de inveja!

— De inveja?

— Sim, confesso-te que sorprendo cá dentro esse sentimento ignobil. Invejo a perseguição de que te dizes victima, e — palavra! — tenho ciumes, ciumes incoherentes, dessa mulher que não é minha, que não conheço, que apenas entrevi... Eu dava dez annos de vida — vê tu lá! — pelo prazer de entrar com ella, furtivamente, em casa de uma cartomante mysteriosa e hospitaleira!

Leopoldo das Neves encarou fixamente o outro, e, depois de uma grande pausa, perguntou-lhe, segurando-o por um botão do casaco:

— Viriatinho, és meu amigo?

— Certamente.

— Queres prestar-me um grande serviço?

— Qual?

— Um serviço que não te será desagradavel?

— Que ordenas tu?

O amante de Clotilde recuou dous passos, apontou para o lado da rua, e declamou o verso de D. Salustio:

De plaire à cette femme et d'être son amant!

O Viriatinho soltou uma gargalhada tão cristallina e vibrante, que chamou a attenção das pessoas que passavam.

— Não te rias ! estou falando serio !...

— Mas isso é lá possivel ! Tirar-te do lance, eu !...
E ella tão apaixonada por ti !...

— Conheço-a como as palmas das minhas mãos ; dar-te-ei as instrucções necessarias... Desde que estejas munido de todos os recursos estrategicos, desde que saibas como atacar a praça, a victoria não será difficil.

— Olha que sou um pessimo general !

— Deixa-te de modestias ! Vamo-nos embora...
Pelo caminho irei te desenvolvendo o plano do ataque.

— Vamos lá !

Os dous amigos tomaram a direcção da escada.

— Não calculas como vaes ser util ! disse Leopoldo das Neves, descendo.

— « Util inda brincando », accrescentou Viriatinho, descendo tambem, e apontando para o desgracioso Cupido que desde 1783 dá de beber aos fluminenses.

II

Mez e meio depois desse encontro no Passeio Publico, Leopoldo das Neves estava sosinho em casa, e sentia um aborrecimento de morte.

Era uma noite chuvosa e fria.

Tentou escrever, e não conseguiu alinhar quatro palavras; quiz ler um livro interessante, que ainda não conhecia, e fechou o volume logo depois da segunda pagina; sentou-se ao piano, e sentiu as mãos pesadas como se fossem de chumbo. Accendeu um charuto, e deitou-se na cama a fio comprido, contemplando os bicos dos pés.

Tinham-se já passado quarenta dias depois que elle apresentára Viriatinho a Clotilde, numa *soirée*, em casa de um tal commendador Freixo.

Leopoldo tratára Clotilde com muita indifferença, passando a noite a jogar o voltarete com o marido della, um major de engenheiros e um medico. De vez em quando o Viriatinho lhe apparecia na sala do jogo, e, por gestos, o informava de que tudo corria ás mil maravilhas.

Terminada a *soirée*, os dous amigos sahiram juntos e, na rua, deram cincoenta passos ao lado um do outro, sem se falar.

Leopoldo quebrou o silencio :

— Então, Cezar? Chegaste, viste e venceste?

Por unica resposta o Viriatinho tirou da algibeira um pequenino lenço e apresentou-o a Leopoldo, dizendo :

— Vê se conheces este perfume.

— Bravo!... as coisas chegaram á cerimonia, meio mahometana, da troca dos lenços?

— Tal qual como contigo. Primeiro que tudo, e modestia á parte, não ha duvida que lhe fiz certa impressão. E' que naturolmente me achou parecido com algum heróe de Xavier de Montépin. O resto já tu sabes : uns olhares ardentes e expressivos... uns apertos de mão durante a primeira quadrilha... logo em seguida uma valsa, e a troca dos lenços... Depois d'amanhan lhe escreverei uma carta...

Os dous amigos separaram-se, e, desde essa occasião, Leopoldo não mais esteve com o Viriatinho. A correspondencia de Clotilde cessou completamente.

Durante os primeiros dias elle sentiu-se feliz, alliviado — uf ! — d'aquella pesada algema que durante quatro annos penosamente arrastára. Depois vie-

ram-lhe... como direi?... remorsos. Recordava-se do passado ; saudosas scenas se renovavam no seu cerebro inquieto.

Clotilde apparecia-lhe agora com toda a sua meiguice, com todo o seu ardor de mulher que fecha os olhos e se entrega resolutamente a um homem, como se mergulhasse no oceano.

Depois, elle passou noites consecutivas a sonhar com ella : via-a muito alta, muito magra, muito loura, de olhos azues, a tocar harpa, dizendo-lhe : — Aqui me tens ! Agora, sim, agora sou o teu ideal !...

Naquella noite chuvosa e humida, Leopoldo sentia-se mais do que nunca envergonhado do seu procedimento. Por fim de contas, Clotilde era huma bonita mulher, e uma boa rapariga, que só tivera um defeito : amal-o exageradamente. E que fez elle ? Uma canalhice : entregou-a ao Viriatinho, ao Viriatinho da Estrada de Ferro, um pulha, uma besta que com certeza não saberia apreciar-a !...

O ingrato monologava esta interrogação terrivel : — Já teriam ido á rua da Assembleia ? —, quando ouviu bater á porta.

Foi abrir. Era o Viriatinho, que entrou alegre e radiante.

— Está chovendo : tinha certeza de encontrar-te

em casa. Venho trazer-te noticias da minha conquista... Fomos hoje á cartomante !...

Leopoldo estremeceu, teve um sorriso contrafeito, e agarrou-se a um movel para não cahir.

— Apre ! Custou ! Escrevi-lhe nada menos de seis cartas ! As tres primeiras ficaram sem resposta. Afinal, foi ella propria quem me indicou o *buen retiro* da rua da Assembleia... Talvez o mesmo quarto, heim ?

— Talvez...

— Olha : sobem-se duas escadas... abre-se uma grade de páo... entra-se n'um corredor... primeira alcova á direita... com uma janella que dá para uma area... Embaixo uma casa de fumos... E' isso?...

As palavras do Viriatinho penetravam no coração de Leopoldo das Neves como outras tantas punhadas. O pobre diabo teve impetos de agarrar numa bengala, e pôr pela porta fóra, a pauladas, o seu substituto ; mas — quediabo ! — o culpado de tudo não tinha sido elle proprio?... elle proprio não lhe indicára os meios de seduzir Clotilde?... não era esse o resultado fatal de uma combinação infame, proposta espontaneamente por elle ?...

O Viriatinho observou :

— Mas... valha-me Deus ! acho-te assim a modo que contrariado... Estás arrependido ?

— Eu?... que ideia!... murmurou Leopoldo sufocado; que ideia!...

— Olha, se queres que te diga, acho que tinhas muita rasão... A Clotilde é bonita, isso é, mas que mulher vulgar! que espirito acanhado!... Não tem por onde se lhe pegue!...

— Não te dizia? accudiu vivamente Leopoldo, regosijado por essa opinião; a Clotilde não vale nada!

— Sabes? não estou disposto a aguentar aquillo quatros annos, como tu... Nada! na primeira occasião desfaço-me de ella! Quiz apenas prestar-te um serviço, e folgo de tersido «util inda brincando».

Alguns minutos depois, o Viriantinho sahiu, e Leopoldo das Neves ficou aniquillado pelo desgosto.

Foi para o seu quarto de dormir, abriu um armario, e tirou um vidro de perfumaria, o extracto predilecto de Clotilde, ha tres annos esquecido no fundo daquelle movel. Ensopou o lenço, aspirou longamente aquelle perfume «capitoso e enervante» como se quizesse anesthesiar-se; depois, atirou-se á cama, enterrou a cabeça no travesseiro, e numa crise de nervos, começou a chorar desesperadamente, soluçando o nome della.

Passou assim toda a noite.

III

Ella enviuvou ha um anno. Elles casaram-se ha seis mezes.

Quando se encontram com o Viriatinho da Estrada de Ferro, fingem que o não conhecem.

UNA NOITE EM PETROPOLIS

UMA NOITE EM PETROPOLIS

O Gustavo era litterato e quasi jornalista. Casou-se muito novo, aos vinte e tres annos, e fez-se guarda-livros, porque decididamente a litteratura não lhe dava com que manter a familia.

O casamento havia sido muito contrariado por uma dona Pulcheria, tia da noiva, senhora já bastante edosa, que morava na Cascadura. Depois de casado, o Gustavo guardou um profundo resentimento contra essa velha : não a podia ver nem pintada.

*

Ora, uma bella manhan, seis annos depois do ca-

samento, a mulher de Gustavo foi despertal-o mais cedo que de costume.

— Gustavo !

— Heim ? Que queres tu ? Para que me acordas tão cedo ? Bem sabes que com este calor infêrnal só posso pegar no somno pela madrugada ! Deixa-me dormir !

— Ouve ; trata-se de uma coisa grave.

O Gustavo deu um pulo da cama.

— Heim ?

— Tia Pucheria...

— Morreu ?

— Não ; mas está morre não morre. Mandou-me pedir que fosse lá com os pequenos ; quer despedir-se da gente.

— Responde-lhe que morra quantas vezes quizer, e nos deixe em paz !

— Gustavo, lembra-te que ella é irman de meu pae...

— Lembro-me que esse diabo inventou contra mim as maiores calumnias, para impedir o nosso casamento !

— Pois sim, perdoa-lhe... aquillo foi rabugice de velha.

— Vae tu, se quezeres, com os meninos e a Maxima. Eu tenho mais que fazer ; não os acompanho.

Uma hora depois, a sobrinha de dona Pulcheria, em companhia dos quatro pequenos e da Maxima — a ama secca de todos quatro — tomava o trem para a Cascadura.

*

O Gustavo tentou dormir ainda, mas não o conseguiu. Ergueu-se de mão humôr, tomou um banho frio, vestiu-se, e foi para o escriptorio. Almoçava em casa do patrão.

Ao meio dia recebeu um bilhete de sua mulher, dizendo-lhe que tia Pulcheria tinha expirado ás dez horas da manhan e que ella ficaria lá todo o dia e toda a noite com os meninos e a Maxima « fazendo quarto »; só iria para casa no dia seguinte, depois do enterro.

O marido ficou bastante contrariado. Era a primeira vez, depois de seis annos de casado, que ia passar uma noite longe da familia.

*

Um dos seus companheiros de escriptorio, homem já maduro e tambem pae de familia, disse-lhe :

— Eu, no seu caso, Gustavo, tratava de aproveitar esta noite de liberdade...

— Aproveitar como? Não sou pandego nem tenho recursos para metter-me em cavallarias altas... Já sei que esta noite vae ser peor que a passada, em que não preguei olho... Fazia um calor terrivel.

— Pois aproveite a noite dormindo bem.

— Onde?

— Em Petropolis. Você vae hoje na barca das quatro; chega lá ás seis; janta no Bragança; depois do jantar vae dar um gyro pela cidade; volta ao hotel; pede um quarto; passa uma noite deliciosa, e amanha toma o trem para cá ás sete horas da manhan.

A ideia sorriu ao Gustavo. Que bom seria passar a noite em Petropolis, gozando a agradavel temperatura da serra! Com que prazer elle se estenderia numa caminha fresca, para no dia seguinte, ao primeiro raio do sol, despertar alegre como um passaro e leve como uma flor!

Demais a mais, o Gustavo nunca fôra a Petropolis, e Petropolis era um dos seus sonhos. Uns desejam ir á Europa, outros á America do Norte, outros ao Oriente; ella desejava ir a Petropolis, embora para ali passar apenas uma noite!

*

O Gustavo foi á casa, acondicionou a roupa indispensavel numa maleta de mão, e ás quatro horas partiu para o ex-Corrego-Secco, munido de bilhete de ida e volta.

O programma traçado começou por ser fielmente cumprido. No hotel Bragança deram ao Gustavo um bom quarto, e serviram-lhe um bom jantar, que elle não apreciou bastante porque estava a cahir de somno e na sala o thermometro marcava trinta grãos.

Acabado o jantar, o nosso viajante sahiu para dar um gyro pela cidade; mas, como entrasse a chuvia, voltou para o hotel, dizendo aos seus botões :

— Ora adeus! vou deitar-me... Ha de ser um sommo só até pela manhan!

*

Quiz, porém, a fatalidade que, ao entrar no hotel, o Gustavo encontrasse o Miranda, que fôra, sete annos atraz, um dos seus companheiros de « lutas »

litterarias, um bom rapaz que tinha apenas um defeito, mas um grande defeito : bebia. Um pobre diabo, um maluco, desses de quem se diz : — Coitado ! é máo só para si.

— Olha quem elle é : o Gustavo!...

— Oh, Miranda !

— Que fazes tu em Petropolis ?

— Vim dormir ; e tu ?

— Eu resido aqui.

— Ah ! E em que te empregas ?

— Em coisa nenhuma. Dissipo os restos do meu patrimonio.

O Gustavo notou que o Miranda tinha a lingua um pouco pressa, e, como não ha companhia mais desagradavel que a de um bebedo, tratou de despedir-se.

— Não ! já te não deixo !... protestou o Miranda. Anda dahi tomar commigo um copo de cerveja.

— Não... desculpa-me...

— Não admitto desculpas !

— Pois sim, mas ha de ser aqui mesmo no hotel.

— Nada ! nada ! Cerveja em hotel não tem bom sabor. Vamos a uma *brasserie* que alli ha... atravessemos aquella ponte...

— Isso é uma extravagancia : está chovendo !

— Ora ! um chuvisquinho á toa ! Vamos !

— Perdão, Miranda, eu vim a Petropolis para dormir e não para tomar cerveja! Não preguei olho toda a noite passada, estou a cair de somno!

— Oh, desgraçado! pois tu queres dormir ás oito horas da noite? Bem se vê que és um poeta lyrico degenerado, um trovador que se encheu de filhos e se fez guarda-livros! Andá dahi!...

E o Gustavo dexou-se levar, quasi de rastros, á cervejaria.

*

Os dous amigos sentaram-se a uma meza, diante de dous copos de cerveja alleman. O Miranda esvaiou immediatamente um delles, e pediu reforço.

— Era o que faltava! Dormir ás oito horas da noite! Nada; temos muito que conversar, meu velho: vou expor-te um plano, um grande plano; quero saber se o approvas.

— Fala, disse Gustavo contrariadissimo, arrependido, mas resignado.

— Pretendo fundar uma folha diaria aqui, nesta cidade vermelha!

O Miranda esperava que o Gustavo perguntasse:

— Vermelha porque? — o Gustavo calou-se; elle,

porém, accrescentou, como se o outro houvesse feito a pergunta :

— Pois não reparaste ainda que tudo aqui em Petropolis é vermelho? As pontes, as grades, as montanhas, as casas, os criados de servir, e até os cabellos dos respectivos indigenas? Olha!

E apontou para o moço que trazia novo reforço de cerveja, um petropolitano ruivo, verdadeiro typo teutonico.

— Em Petropolis ha um jornal, mas imagina, meu velho, que esse jornal se intitula o *Mercantil!* Vê que tolice! um *Mercantil* nesta cidadesinha de *villegiatura*, neste oasis de verão, residencia de diplomatas, capitalistas e mulheres elegantes! O *Mercantil*, ora bolas!

E o Miranda expoz longamente o plano do seu jornal, com grandes gestos, os olhos muito abertos e injectados, as narinas dilatadas, os bigodes cheios de espuma. Seria uma folha artistica, pariziense, catita, e, sobretudo, escandalosa... não escandalosa como o *Corsario*, mas como o *Gil Blas* ou o *Echo de Paris*... levantando a pontinha, só a pontinha do véo que esconde um mysterio de amor... intrigando a sociedade inteira com uma inicial ou duas linhas de reticencias...

Inflammado, o Miranda indicava os lucros pro-

vaveis da empreza, os capitalistas com que contava para lançal-a, os redactores e collaboradores que contractaria, e mais isto, e mais aquillo, e mais aquillo outro.

O Gustavo, que por diversas vezes tentára er-guer-se, e era subjugado pelo Miranda, ouvia-o com as palpebras semi-cerradas pela fadiga, embrutecido, sem dizer uma phrase, nem mesmo uma palavra, porque o futuro redactor do *Petropolis* — era esse o titulo do projectado jornal —, com a lingua perra, dando murros na meza, quebrando copos, expecto-rava abundantes periodos, sem uma virgula, sem uma pausa. Só se calava de vez em quando para beber, ensopando os bigodes em cerveja e lambendo-os em seguida.

*

A chuva cahia agora a cantaros.

Na cervejaria só estavam os dous amigos e o petropolitano teutonico, este encostado ao balcão, de braços cruzados, cabeceando. O Miranda continuava com mais enthusiasmo a exposição do plano da sua futura empreza, quando o dono da casa, um allemão robusto, irrompeu dos fundos do estabelecimento :

— Endão que é isdo, meus zenhores? Já bassa tas tuas horas... não bosso der a minha casa aperda adé alda noide!...

O Miranda tentou recalitrar, mas o cervejeiro não lhe deu ouvidos. O Gustavo pagou a despeza, e puxou pelo braço o beberrão, que parecia 'pregado ao banco em que se sentára. Afinal, conseguiu arrastal-o até a rua. O allemão fechou immediatamente a porta.

O Miranda, mal deu dous passos, perdeu o equilibrio e cahiu redondamente na lama. O Gustavo abaixou-se para erguel-o, mas o outro deixou-se estar, não fez o minimo esforço para levantar-se, e resmungou quasi inintelligivelmente : — Estou muito bebedo!

Imaginem a situação do guarda-livros : tonto de somno, de madrugada, á chuva, numa rua deserta, numa cidade que elle absolutamente não conhecia, ás escuras, porque Petropolis não tinha illuminação, e vendo aos seus pés um amigo embriagado, um companheiro de « lutas », que não podia abandonar alli!

Imaginem os trabalhos porque passou o ex-poeta lyrico para remover a pesada massa de carne e osso que jazia inerme no chão, e encontrar a casa em que habitava o Miranda. Felizmente este, mesmo

bebedo, conseguiu oriental-o. Mas que trabalho !...

*

Era perto de quatro horas quando o Gustavo bateu á porta do hotel Bragança. O criado que lh'a veio abrir, de vella accessa na mão, teve um sorriso malicioso, e disse :

— Ai! ai! Estes moços felizes que vêm passar uma noite em Petropolis e se recolhem ao hotel de madrugada... Ai! ai!

*

O Gustavo ás sete horas da manhan desceu a serra, aborrecido, doente, com uma enxaqueca terrivel, estupidificado pelo somno e átribuindo todas as suas desgraças á tia Pulcheria.

Felizmente a velha deixou-lhe uns cobres que até certo ponto o consolaram daquella malfadada noite em Petropolis.

UMA EMBAIXADA

8.

UMA EMBAIXADA

Minervino ouviu um toque de campainha, levantou-se do canapé, atirou para o lado o livro que estava lendo, e foi abrir a porta ao seu amigo Salema.

— Entra. Estava ancioso !

— Vim, mal recebi o teu bilhete. Que desejas de mim ?

— Um grande serviço !

— Oh, diabo ! trata-se de algum duello ?

— Trata-se simplesmente de amor. Senta-te.

Sentaram-se ambos.

*

Eram dous rapagões de vinte e cinco annos, officiaes da mesma Secretaria do Estado ; dous collegas, dous companheiros, dous amigos, entre os quaes nunca houvera a menor divergencia de opiniões ou sentimentos. Estimavam-se muito, estimavam-se devéras.

*

— Mandei-te chamar, continuou Minervino, porque aqui podemos falar mais á vontade ; lá em tua casa seriamos interrompidos por teus sobrinhos Ter-me-ia guardado para amanha, na Secretaria, se não se tratasse de uma coisa inadiavel. Ha de ser hoje por força !

— Estou ás tuas ordens.

— Bom. Lembras-te de um dia ter te falado de uma viuva bonita, minha visinha, por quem andava muito apaixonado ?

— Sim, lembro-me... um namoro...

— Namoro que se converteu em amor, amor que se transformou em paixão!

— Que? Tu estás apaixonado?!...

— Apaixonadíssimo... e é preciso acabar com isto!

— De que modo?

— Casando-me; e tu é que has de pedil-a!

— Eu?!...

— Sim, meu amigo. Bem sabes como sou tímido...

Apenas me atrevo a fixal-a durante alguns momentos, quando chego á janella, ou a comprimental-a, quando entro ou saio. Se eu mesmo fosse falar-lhe, era capaz de não articular tres palavras. Lembras-te daquella occasião em que fui pedir ao ministro que me nomeasse para a vaga do Florencio? Puz-me a tremer diante d'elle, e a muito custo consegui expor o que desejava. E quando o ministro me disse: — Vá descançado, hei de fazer justiça —, eu respondi-lhe: — Vossa excellencia, se me nomear, não chove no molhado! — Ora, se eu sou assim com os ministros, que fará com as viúvas!

— Mas tu conhécel-a?

— Estou perfeitamente informado: é uma senhora digna e respeitavel, viúva do senhor Perkins, negociante americano. Mora alli defronte, no numero 37. Peço-te que a procures immediatamente e lhe faças

o pedido de minha parte. E's tão desembaraçado como eu sou tímido ; estou certo que serás bem succedido. Dize-lhe de mim o melhor que poderes dizer ; advoga a minha causa com a tua eloquencia habitual, e a gratidão do teu amigo será eterna.

— Mas que diabo ! observou Salema, — isto não é sangria desatada ! Porque ha de ser hoje e não outro dia ? Não vim preparado !

— Não póde deixar de ser hoje. A viuva Perkins vae amanhan para a fazenda da irman, perto de Vassouras, e eu não queria que partisse sem deixar lavrada a minha sentença.

— Mas, se lhe não falas, como sabes, que ella vae partir ?

— Ah ! como todos os namorados, tenho a minha policia... Mas vae, vae, não te demores ; ella está em casa e está sosinha ; mora com um irmão empregado no commercio, mas o irmão sahiu... Deve estar tambem em casa a dama de companhia, uma americana velha, que naturalmente não apparecerá na sala, nem estorvará a conversa.

E Minervino empurrava Salema para a porta, repetindo sempre : — Vae ! vae ! não te demores !

*

Salema sahiu, atravessou a rua, e entrou em casa da viuva Perkins.

No corredor poz-se a pensar na esquisitice da embaixada que o amigo lhe confiára.

— Que diabo ! reflectiu elle ; não sei quem é esta senhora ; vou falar-lhe pela primeira vez... Não seria mais natural que o Minervino procurasse alguém que a conhecesse e o apresentasse?... Mas, ora adeus !... elles namoram-se ; é de esperar que o embaixador seja recebido de braços abertos.

Alguns minutos depois, Salema achava-se na sala da viuva Perkins, uma sala mobiliada sem luxo, mas com certo gosto, cheia de quadros e outros objectos de arte. Na parede, por cima do divan de reps, o retrato de um homem novo ainda, muito louro, barbado, de olhos azues, languidos e tristes. Provavelmente o americano defunto.

Salema esperou uns dez minutos.

Quando a viuva Perkins entrou na sala, elle agarrou-se a um movel para não cahir ; paralyzaram se-lhe os movimentos, e não poude reter uma exclamação de surpresa.

*

Era ella ! ella !... a mysteriosa mulher que encon-

trára, havia muitos mezes, num bonde das Laranzeiras, e meigamente lhe sorrira, e o impressionára tanto, e desapparecêra, deixando-lhe no coração um sentimento indizível, que nunca soubera classificar direito.

Durante muitos dias e muitas noites a imagem daquella mulher perseguiu-o obstinadamente, e elle debalde procurou tornar a vel-a nos bondes, na rua do Ouvidor, nos theatros, nos bailes, nos passeios, nas festas. Debalde !...

*

— Oh ! disse a viuva, estendendo-lhe a mão muito naturalmente, como se o fizesse a um velho amigo ; era o senhor ?

— Conhece-me ? balbuciou Salema.

— Ora essa ! Que mulher poderia esquecer-se de um homem a quem sorriu ? Quando aquelle dia nos encontrámos no bonde das Laranzeiras, já eu o conhecia. Tinha-o visto uma noite no theatro, e, não sei porque... por sympathia, creio... perguntei quem o senhor era, não me lembro a quem... lembra-me que o puzeram nas nuvens. Porque nunca mais tornei a vel-o ?

Diante do desembaraço da viuva Perkins, Salema sentiu-se ainda mais tímido que Minervino, — mas cobrou animo, e respondeu :

— Não foi porque não a procurasse por toda a parte...

— Não sabia onde eu morava ?

— Não ; supuz que nas Larangeiras. Vi-a entrar naquelle sobrado... e de balde passei por lá um milhão de vezes, na esperança de tornar a vel-a.

— Era impossível ; aquella é a casa de minha irman ; só se abre quando ella vem da fazenda. O sobrado está fechado ha oito mezes. Mas sente-se... aqui... mais perto de mim... Sente-se, e diga o motivo da sua visita.

De repente, e só então, Salema lembrou-se do Minervino.

— O motivo de minha visita é muito delicado ; eu...

— Fale ! diga sem rebuço o que deseja ! seja franco ! imite-me !... Não vê como sou desembaraçada ? Fui educada por meu marido...

E apontou para o retrato.

— Era americano ; educou-me á americana. Não ha, creia, não ha educação como esta para salvarguardar uma senhora. Vamos ! fale !..

— Minha senhora, eu sou :.

Ella interrompeu :

— E' o senhor Nuno Salema, orpham, solteiro, empregado publico, litterato nas horas vagas, que vem pedir a minha mão em casamento.

Ella estendeu-lhe a mão, que elle apertou.

— E' sua! Sou a viuva Perkins, honesta como a mais honesta, senhora das suas acções, e quasi rica. Não tenho filhos nem outros parentes, a não ser um irmão, educado na America por meu marido, e uma irman fazendeira, egualmente viuva. Não percamos tempo!

Salema quiz dizer alguma coisa; ella não o deixou falar.

— Amanhan parto para a fazenda da minha irman. Venha commigo, á americana, para lhe ser apresentado.

Nisto entrou na sala, vindo da rua, apressado, o irmão da viuva Perkins, um moço de vinte annos, muito correcto, muito bem trajado.

— Mano, apresento-lhe o senhor Nuno Salema, meu noivo.

O rapaz inclinou-se, apertou fortemente a mão do futuro cunhado, e disse :

— All right!...

Depois inclinou-se, de novo, e sahiu da sala, sempre apressado.

— Mas, minha senhora, tartamudeou o noivo muito confundido, imagine que o meu collega Minervino, que mora alli defronte...

A viuva approximou-se da janella. Minervino estava na delle, defronte, e, assim que a viu, deu um pulo para traz e sumiu-se.

— Ah! aquelle moço?... Coitado! não posso deixar de sorrir quando ólho para elle... E' tão ridiculo com a seu namoro ó brasileira!...

— Mas... elle... tinha-me encarregado de pedil-a em casamento, e eu entrei aqui sem saber quem vinha encontrar...

— Devéras?! exclamou a viuva Perkins.

E eil-a accommettida de um ataque de riso:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

E deixou-se cahir no divan:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

Salema approximou-se da viuva, tomou-lhe as mãosinhas, beijou-as, e perguntou:

— Que hei de dizer ao meu amigo?

Ella ficou muito seria, e respondeu:

— Diga-lhe que quem tem boca não manda soprar.

VINGANÇA

A LUCIO ESTEVES

VINGANÇA

Quando madame d'Arbois chegou ao Rio de Janeiro, escripturada numa *troupe parisienne* que fez as delicias dos frequentadores do Cassino Franco-Brésilien, muitos rapazes se apaixonaram por ella. Dizia-se que madame d'Arbois resistia heroicamente a todas as seducções, guardando absoluta fidelidade ao marido, um *cabotin* qualquer, que ficára em França, esperando philosophicamente que ella voltasse da America, endinheirada e feliz.

O joven commendador Cardoso, que não acreditava em Penelopes de bastidores, e era, em questões eroticas, de uma diplomacia insigne, com tanta ha-

bilidade soube levar agua ao seu moinho, que, ao cabo de dous mezes, vivia maritalmente com madame d'Arbois.

Por esse tempo dissolveu-se a *troupe*, e o joven commendador Cardoso aproveitou o ensejo para pedir á amiga que abandonasse o theatro. Nada lhe faltaria em casa d'elle, que era negociante e rico. Ella aceitou depois de muito hesitar, impondo, como condição, que elle estabeleceria ao marido, em Pariz, uma pequena mezada de quinhentos francos.

Durante um anno as delicias dessa mancebia não foram perturbadas pela mais leve contrariedade. O joven commendador Cardoso e madame d'Arbois pareciam talhados um para o outro. Elle era um homem sympathico, de trinta annos, pouco instruido, é verdade, mas senhor desses habitos sociaes que até certo ponto dispensam a educação litteraria. Ella era uma mulher bonita, alegre, quasi espiituosa, e uma senhora dona de casa, economica e acciada como todas as francezas. Que mais poderiam ambos desejar?...

*

Tudo cança. Ao cabo de um anno, madame d'Ar-

bois começou a sentir a nostalgia dos bastidores. Demais a mais, aconteceu que o empresario da melhor companhia brasileira de operetas, magicas e revistas, lhe offereceu um vantajoso contracto, convidando-a, nada mais nem menos, para substituir a *estrella* de maior grandeza que então brilhava no firmamento do theatro fluminense, *estrella* que se retirava temporariamente para a Europa.

O joven commendador Cardoso poz os pés á parede. Que não, que não, que não ! A Lolotte — madame d'Arbois chamava-se Charlotte — não precisava trabalhar para viver ! Que o não aborrecessem !...

— Mais non, mais non ! Il ne s'agit point d'argent, mon pauvre chéri, obtemperava Lolotte ; je sens que je ferais une grosse maladie si je ne rétourne pas au théâtre ! Eh bien... voyons... sois gentil... Il faut que tu y consentes...

Um negociante, compadre do empresario, foi ter com o joven commendador Cardoso, de quem era amigo intimo, e interveio com muito empenho :

— Que diabo ! consente, Cardosinho, consente ! Se lhe não fazes a vontade, ella contraria-se, e não ha nada peor que uma mulher contrariada. Depois, vê lá : não é nada, não é nada, mas sempre são seiscentos bagarotes que a pequena mette no Banco

todos os mezes ! Não vás tu prival a desse peculio !

Este ultimo argumento foi irresistivel. Mez e meio depois, madame d'Arbois estreiava-se no papel da protagonista de uma opereta.

Foi completo o seu triumpho. Ella falava um portuguez fantastico, e na cantoria desafinava que era um horror, mas o publico, o magnanimo publico fluminense, fechou os olhos a esses defeitos, e applaudiu-a freneticamente. Madame d'Arbois teve que repetir tres vezes certas coplas cuja lettra ninguem percebia, mas eram cantadas com um movimento de quadris capaz de entontecer um santo.

*

Razão tinha o joven commendador Cardoso em não querer que a amiga voltasse para o theatro. Dentro de pouco tempo notou nas suas maneiras uma differença enorme. A *diva* contrariava-se visivelmente quando elle, cansado de esperal-a no saguão do theatro, penetrava até o camarim.

Uma vez encontrou lá dentro, familiarmente sentado, o Lopes, o primeiro actor comico da companhia, que logo se retirou, dizendo :

— Adeusinho, commendador ; vim cá restituir á collega o *rouge* que lhe pedira emprestado.

Elle não podia desconfiar de Lopes. Era este um artista de talento, e o publico estimava-o devéras, mas a Lolotte poderia lá gostar de um homem tão feio, tão desdentado e tão pouco cuidadoso da sua roupa !

Entretanto, uma carta anonyma, escripta com letra de mulher, tudo lhe disse. A primeira actriz cantora e o primeiro actor comico encontravam-se, quasi todos os dias, depois do ensaio, em casa de uma corista, perto do theatro.

Um dia, o joven commendador Cardoso, depois de se haver posto em observação numa casa que ficava em frente á da hospitaleira corista, sahiu, atrevessou a rua e entrou na sala das entrevistas. Lolotte estava sentada, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro turco ; o Lopes de pé, em seroulas.

O primeiro actor comico, ao ver o joven commendador Cardoso, não perdeu o sangue frio, e começou a fingir que estava a ensaiar :

— E' como vos digo, princeza Briolanja ; o rei, vosso pae, não acredita nas palavras da Fada das Saphiras, e quer absolutamente encontrar nos seus reinos um mancebo, fidalgo ou villão, que vença o Dragão Vermelho, e vos despose !...

Mas o joven commendador Cardoso não engoliu a pilula, e disse, dirigindo-se á princeza Briolanja, que continuava a fumar o seu cigarro turco :

— Bem ; estou satisfeito ; vi o que queria ver. Fique-se com o senhor Lopes, que realmente é digno da senhõra !

E sahiu arrebatadamente.

— E agora ? perguntou o comico.

— Oh ! elle voltarrá ! affirmou ella, carregando os érres, entre uma baforada de fumo.

E foram deitar-se.

*

Ó joven commendador Cardoso não voltou, e madame d'Arbois ficou bastante contrariada, por que o actor Lopes tinha numerosa familia — mulher e filhos — e não lhe dava um vintem. Demais, ella bem depressa fartou-se desses amores reles. Que doidice a sua : trocar por aquelle typo um rapaz rico, intelligente, sympathico e generoso !

Accresce que a opereta, recebida com grande enthusiasmo durante as primeiras trinta representações, já não attrahia o publico ; o theatro ficava

agora todas as noites vasio, e o empresario já devia um mez de ordenados á companhia...

*

A primeira representação da peça que estava em ensaios, a tal em que entravam a Fada das Saphiras e o Dragão Vermelho, devia ser dada em beneficio do Lopes, e esse espectáculo era anciosamente espedado. O beneficiado via-se doido para attender aos numerosos pedidos de bilhetes. Nos jornaes appareciam todos os dias grandes *reclames* á « festa artistica », annunciada tambem pelas esquinas em vistosos cartazes, onde este nome — LOPES — se destacava em enormes caracteres vermelhos.

Chegou a noite do espectáculo, A's sete horas e meia as torrinhãs, os corredores e o jardim do theatro já estavam apinhados. Uma hora depois, a sala trasbordava, e toda aquella gente abanava-se com leques, ventarolas, lenços e programmas, bufando de calor. Os espectadores das torrinhãs batiam com os pés e as bengalas, e dirigiam chufas aos da plateia e dos camarotes, talvez com a ideia de se vingarem de os ver em logares menos incommodos. O criticos theatraes estavam a postos. Os musicos afinavam os

instrumentos ; um garoto apregoava o retrato e a biographia do glorioso Lopes ; as conversações cruzavam-se ; e todos esses ruidos juntos produziam um barulho ensurdecedor e terrível.

De repente, ouviu-se o agudo som de uma sineta, ao mesmo tempo que uma campainha electrica retinia longamente, e a sala, até então quasi escura, apparecia numa intensidade de luz, arrancando um prolongado *O... o... oh!...* das torrinhas... Eram nove horas.

Restabelecido o silencio, o regente da orchestra subiu vagarosamente para o seu logar, abriu a partitura, falou em voz baixa a alguns musicos, bateu tres pancadas na estante, levantou a batuta, e fez executar a *ouverture*.

Terminada esta, naturalmente esperavam todos que o panno subisse, mas não subiu.

Passaram-se alguns minutos.

Começou o publico a impacientar-se, batendo com os pés. A pateada cresceu. Uma ordenança foi destacada do camarote da policia para o palco. O beneficiado, vestido de escudeiro de magica, surdiu no proscenio e foi recebido com uma salva de palmas. Mas de todos os lados fizeram *Pscio ! pscio !* — e o barulho cessou.

— Respeitavel publico, disse o primeiro actor

comico, — o espectáculo não póde ter começo, por que a actriz madame d'Arbois, incumbida de um dos principaes papeis, até agora não appareceu no theatro. Rogo-vos humildemente que espereis alguns minutos mais, e me perdoeis esta falta, inteiramente alheia á minha vontade.

Esse cavaco foi acolhido com outra salva de palmas. O Lopes retirou-se, cumprimentado e agradecendo para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, e os commentarios, os risos, as imprecações e os gracejos começaram numa vozeria atroadora.

De vez em quando sahiam da caixa do theatro, ou para lá entravam, correndo pelo corredor, pessoas azafamadas, espavoridas, — empregados da contra-regra, costureiras, etc, — mandadas á procura de madame d'Arbois.

Passava das nove e meia quando o Lopes, coagido pela policia, veio de novo ao proscenio declarar que, não se achando madame d'Arbois, no theatro nem na casa de sua residencia, ficava o espectáculo transferido para quando se annunciasse.

Desta vez não houve palmas que saudassem o primeiro actor comico.

A sahida dos espectadores fez-se no meio de uma confusão indescriptivel. Muitos exigiram que lhes

fosse restituído o dinheiro, e promoveram desordem na bilheteria. Foi necessaria a intervenção da policia. Só ás onze horas poude ser restabelecida a ordem e fechado o theatro.

*

Onde estava madame d'Arbois ?

No dia do spectaculo ella acabára de jantar, e, reclinada na sua preguiceira, relia mais uma vez o interessante papel de princeza Briolania, que devia representar essa noite, quando lhe trouxeram uma carta do joven commendador Cardoso.

— Ah ! ah ! pensou a franceza com um sorriso de triumpho, voltou ou não voltou ?

E abriu a carta :

« Lolotte — Escreveste-me, pedindo que te perdoasse. Perdôo-te, mas sob uma condição : deixarás de representar hoje no beneficio do homem que foi o causador da nossa separação, ou, por outra, nunca mais representarás. Só assim serei para ti o mesmo que já fui. Se aceitas, mette-te no carro que ahi te irá buscar ás sete horas da noite, e vae ter commigo no Hotel Laroche, no alto da Tijuca, onde estou pas-

sando uns dias, e onde ficarás em minha companhia. Se não, não. — *Cardoso.*

A princeza Briolanja leu e releu esse bilhete. Era o perdão, era o descanso, era a fortuna, que lhe traziam aquellas lettras. Deixando de comparecer ao espectáculo, ella praticava uma acção feia, provocava um escandalo inaudito, mas isso que lhe importava, se sahia do theatro e ia outra vez estar de casa e puca-rinha com aquelle homem distincto a quem tantos favores e tanto affecto devia ?

Pouco depois da hora aprasada, Lolotte entrou no discreto *coupé* que a esperava á porta de casa, e chegou ao Hotel Laroche precisamente na occasião em que o Lopes, desesperado, appellava para a paciencia do publico.

Ao entrar no hotel, madame d'Arbois perguntou a um criado :

— O commnedador Cardoso ?

— Não está, mas deixou um bilhete para madame d'Arobis. E' a senhora ?

— Sim, sou eu.

E a desgraçada leu o seguinte :

« Cahiste como um patinho, minha toleirona. Estou vingado de ti e do teu Lopes. Volta para elle ; é tão pulha, que talvez te aceite ainda. — *Cardoso.* »



COMO EU ME DIVERTI!

COMO EU ME DIVERTI !

CONTO-COMEDIA

PERSONAGENS

JORGE, empregado no commercio.

O COMMENDADOR ANDRADE, negociante, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.

UM MEDICO.

DONA MARIA, excellente senhora de meia idade, estabelecida com casa de alugar commodos a moços solteiros.

A acção passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Actualidade.

ACTO UNICO

A scena representa a sala e a alcova que Jorge occupa em casa de dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um habito de frade

encardido de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, egualmente sujas, e um nariz de papelão quasi a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de occulos.

SCENA PRIMEIRA

DONA MARIA, O MEDICO.

O MEDICO.

Que tem elle?

DONA MARIA.

Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça : é doido pelo Carnaval.

O MEDICO.

Gabo-lhe o gosto.

DONA MARIA.

Hontem vestiu-se de frade, poz aquelle nariz postiço, e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravolet, acompanhando um prestito. Só o vestuario da perlintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O MEDICO.

Quem lhe disse?

DONA MARIA.

Os meus hospedes não têm segredos para mim.

O MEDICO.

Adiante.

DONA MARIA.

Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do habito, uma garrafa de cognac, e de vez em quando aticava-lhe que era um gosto! Quando o prestito passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...), já ia o frade que não se podia lamber! Depois, na rua da Constituição — isto sei eu por um amigo d'elle, que tudo viu — outro moço, tambem phantasiado, bifou-lhe a pelintra, e isso deu logar...

O MEDICO.

... a um rolo! Podéra!...

DONA MARIA.

Racharam-lhe a cabeça!

O MEDICO.

Naturalmente.

DONA MARIA.

E o demonio do rapaz andou toda a noite, de

cabeça rachada, á procura da tal mulher dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democraticos, bebendo sempre, até cahir na rua do Fogo, ás tres horas da madrugada !...

O MEDICO.

Com effeito !

DONA MARIA.

A policia levou-o para a estação da travessa do Rosario, e pela manhan uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O MEDICO.

Onde está elle ?

DONA MARIA.

Naquella alcova. Ha cinco horas que alli está deitado, sem dar accordo de si. Por isso, mandei chamal-o, doutor.

O MEDICO.

Fez bem. Vamos vel-o.

Entram na alcova.

SCENA II

JORGE, O MEDICO, DONA MARIA.

Na alcova. Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços cahidos. O medico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.

O MEDICO, tomando o pulso ao doente.

Não tem febre. (Depois de examinar-lhe a cabeça.) O ferimento nada vale... Já lhe pozeram uns pontos falsos ; é quanto basta... O seu hospede tem apenas o que os estudantes chamam uma « ressaca » ; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quizer tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dous dedos de vinho do Porto misturado com agua de Vichy, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhan continuar incommodado, que tome um laxante.

SCENA III

O MEDICO, DONA MARIA.

Na sala.

O MEDICO, tomando o chapéo.

A senhora não imagina como estimei ter sido

chamado para ver este senhor Jorge ! Foi uma providencia !

DONA MARIA.

Porque, doutor ?

O MEDICO.

Conheço-o, mas não sabia que se tratava d'elle. E' o namorado, o quasi noivo de minha afillhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta d'elle, e o pae já estava meio inclinado a consentir no casamento : tinham-lhe dado boas informações sobre este pandego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afillhada, que é muito docil e me ouve com acatamento.

DONA MARIA.

Valha-me Deus ! e sou eu a culpada de tudo isto !

O MEDICO.

Culpada porque ?

DONA MARIA.

Por ter mandado chamar o padrinho ! Pobre rapaz !...

O MEDICO.

A senhora deve estar, pelo contrario, satisfeita.

por ter indirectamente contribuido para este resultado. (Voltando-se para a alcova.) Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, em companhia de uma prostituta!

DONA MARIA.

No Carnaval tudo se desculpa.

O MEDICO.

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pae daquelle anjo!

Vae sahindo.

DONA MARIA, tomando-o pelo braço.

Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada á famillia da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que este hospede tem segredos para mim... (O doutor tenta safar-se.) Ouça, doutor... elle tem um bom emprego... é muito estimado pelos patrões...

O MEDICO.

E a minha afilhada tem um dote de cento e cinquenta contos!

DONA MARIA, aterrada, largando o braço do medico.

Centô e cincoenta contos!

O MEDICO, sahindo.

Fóra o que lhe ha de caber por morte do pae!
(Chegando á porta, pára, volta-se e diz :) Canja... vinho do Porto... agua de Vichy... marmelada... e disse!

Sae.

SCENA IV

DONA MARIA, depois ANDRADE.

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na attitude de Phedra, quando diz :

Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui?

E' despertada bruscamente pelo commendador Andrade, que entra com grande espalhafato.

O COMMENDADOR, gritando.

Onde está o senhor Jorge ?

DONA MARIA, comsigo.

Um homem zangado! E' elle, é o pae da menina!...

O COMMENDADOR.

Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

DONA MARIA.

Está doente... naquella alcova... dorme...

O COMMENDADOR.

Já me contaram as façanhas que elle praticou esta noite! (Apanhando o nariz postico.) Cá está uma prova!

Atira-o longe.

DONA MARIA.

Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O COMMENDADOR.

A mão da menina! Que menina?

DONA MARIA

Sua filha.

O COMMENDADOR.

Minha filha? Qual dellas? Pois este mariola ainda em cima se atreve a erguer os olhos para uma das filhas do seu patrão!

DONA MARIA.

Do seu patrão? Ah! então não é o senhor Raposo?

O COMMENDADOR.

Que Raposo nem meio Raposo! Eu sou o commendador Andrade, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia! — O senhor Jorge está dormindo, dise a senhora...

DONA MARIA.

Sim, senhor.

O COMMENDADOR.

Pois bem; quando acordar, diga-lhe que eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que appareça para fazermos contas!

DONA MARIA.

Attenda, senhor commendador!

O COMMENDADOR.

A nada attendo! A casa Andrade, Gomes & Companhia não póde ter empregados que se embriagam e passam a noite no xadrez! Era o que faltava!

Sae arrebatadamente.

SCENA V

JORGE, DONA MARIA.

Na alcova.

JORGE.

Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e sumida.

Como eu me diverti!

Cae o panno.

A « DONA BRANCA »

A DELGADO DE CARVALHO JUNIOR

A « DONA BRANCA »

No dia 6 de Outubro de 1891, quando o senhor Vieira, ás sete horas da manhan, poz o chapéo para sahir, dona Catharina, sua esposa, disse, concerlando-lhe o laço da gravata :

— Sabes de uma coisa? Mana Adelaide mandou convidar-me para ir hoje com ella ao Theatro Lyrico.

— Que ideia!

— Ahi vens tu! Vae-se embora a companhia e eu não assisto a um unico espectáculo, podendo ouvir a *Dona Branca* de graça!

— Mas, filha, não te lembras que dia é hoje?

— E' terça-feira.

— E então ?

— E então ?

— Pois não sabes que ás terças-feiras não dispenso o meu voltaretesinho em casa do compadre?

— Quem te diz que não vás ao teu voltaretesinho? Mana Adelaide conhece os teus habitos e as tuas impertinencias ; foi a mim e não a ti que convidou.

— Mas...

— Olha, eu vou jantar com ella nas Larangeiras e de lá vamos juntas para o theatro ; acabado o espectáculo, ella traz-me no seu carro, e deixa-me ficar em casa. Não gastas um vintem, nem te incomódas.

— Bem sei, mas não é bonito uma senhora casada ir ao theatro sem seu marido.

-- Mas com sua irman... e com o marido de sua irman...

— Bom, bom, vae ; não quero que me chamen desmancha-prazeres. Jantarei sosinho.

*

O senhor Vieira sahiu, foi tratar da vida, e quando,

ás quatro horas, voltou á casa, já dona Catharina tinha ido ter com a irman.

O pobre homem ficou muito aborrecido naquella solidão. Toda a sua familia era essa bella senhora com quem se casára em 1885 e contava dez annos menos que elle.

Tinha quarenta e quatro invernos o senhor Vieira, e intelligencia bastante para perceber que dona Catharina o não amava; entretanto, contentava-se da respeitosa amisade com que ella se impunha serenamente á sua estima, e preferia mesmo esse discreto sentimento ao amor desordenado e doentio, que produz ciumes e dyspepsias, máos humores e lesões cardiacas. Depositava uma confiança cega em sua mulher e estimava-a devéras. Sentia-se feliz.

Mais feliz seria, entretanto, se houvesse uma criança naquella casa. Dona Catharina soffria por vezes longos accessos de melancolia; algumas noites deixava o esposo sosinho na larga cama de casados, e ia revolver-se num sofá, suspirando, irrequieta, nervosa, sem poder dormir. Mas esses phenomenos eram passageiros, e o marido attribuia-os á ausencia da prole.

— Decididamente, falta uma criança nesta casa!

Depois daquelle jantar de solteirão, o senhor

Vieira dormiu a sesta, e ás sete horas foi para casa do compadre, em São Christovam. O senhor Vieira morava no Cattete.

* — Bravos! cá está o homem! exclamou o compadre e exclamaram mais dous amigos da visinhança, que se achavam á espera do parceiro. Vamos ao vicio!

Os quattros companheiros sentaram-se ás oito horas, e jogaram até perto da meia noite. O senhor Vieira ganhou desenove mil e quinhentos. Nunca estivera com tanta sorte.

*

A' meia noite, depois do chá com torradas, o nosso homem sahiu, e foi esperar conducção na esquina. Passados uns vinte minutos, appareceu um bonde, mas em sentido contrario, e parou para fazer saltar o Lamenha, que era visinho paredes meias do compadre.

— Olá! a estas horas, seu Lamenha? perguntou o senhor Vieira. Já sei que vem do Lyrico; foi ouvir a *Dona Branca*.

— Ora deixe-me com a *Dona Branca*! Se soubesse...

— Então a opera não presta ?

— Não sei ; o espectáculo não passou do começo !

— Ora essa ! Porque ?

— No fim do primeiro acto o publico das torrinhas chamou á scena o empresario para ferrarlhe uma pateada, não sei porque motivo. O empresario não quiz vir. O publico zangou-se. A policia interveio, e agora é que são ellas ! Ah, seu Vieira, que rolo !...

— Devéras ? perguntou o outro empallidecendo.

— Os soldados de policia acutilavam a torto e a direito, os bancos voavam, os globos dos candieiros partiam-se, as familias separavam-se numa confusão medonha, as senhoras tinham chiliques e soltavam gritos...

— As senhoras ?... Meu Deus !... e a minha !...

— Ha muita gente ferida, e não será para admirar que houvesse mortes ! Eu escapei por milagre !...

— E minha mulher que foi a esse espectáculo !...

— Sua senhora ? Não a vi. Só vi sua cunhada, a dona Adelaide, no corredor, sosinha, correndo e gritando que parecia uma louca !

— Pois estavam juntas !... Felizmente ahi vem o bonde... Quem sabe se não vou encontral-a morta ?

Eu bem não queria que ella fosse á tal *Dona Branca!*
Ora esta !...

E o senhor Vieira tomou o bonde, sem mesmo se despedir do Lamenha.

*

Imaginem o desasocego com que o pobre diabo fez a viagem de São Christovam ao largo de São Francisco. Ahi tomou um tilbury. O cocheiro confirmou a informação do Lamenha, accrescendendo que tinham morrido duas senhoras, sendo uma de susto.

Ao passar pela Guarda Velha, o senhor Vieira notou que o Lyrico estava immerso nas trevas e no silencio. Chegou á casa, e expectorou um grande suspiro de allivio ao entrar na alcova : dona Catharina dormia tranquillamente, envolvida no seu lençol.

O marido despiu-se em silencio e deitou-se ao lado da senhora.

Ella despertou :

— Ah ! és tu ?

Elle, completamente serenado, resolveu gracejar, e perguntou-lhe, sorrindo :

— Então, minha senhora, que me diz da *Dona Branca*?

— E' uma opera muito bonita.

— Hein?

— O ultimo acto principalmente, accrescentou dona Catharina com muita convicção.

O senhor Veira sentiu o sange subir-lhe á cabeça, mas conseguiu dissimular, e perguntou se a opera tinha sido bem cantada.

— Perfeitamente cantada, respondeu ella, mentindo como só certas mulheres sabem mentir.

— E não houve novidade durante o espectaculo?

— Nenhuma. O Gabrielesco esteve sublime!

— O Gabrielesco? No ultimo acto?

— Em todos os actos. E' um tenorão!

— Está bem.

O senhor Vieira apagou a vela e fingiu que se aninhava para dormir.

— Ah! está você amuado! Eu por seu gosto não sahia de casa, não me divertia, vivia mettida entre quatro paredes! Que homem!...

Elle resmungou uns sons inarticulados; não respondeu.

— Será possivel que o Lamenha me enganasse? pensava o marido. Não; — e o cocheiro do tisbury?...

O senhor Vieira passou, talvez pela primeira vez em sua vida, uma noite completamente em claro. Ergueu-se logo ao amanhecer, sahiu, convenceu-se de uma verdade terrivel, e nesse mesmo dia separou-se para sempre de dona Catharina.

*

Na terça-feira seguinte, o senhor Vieira não faltou ao voltaretesinho do compadre.

Quando este lhe perguntou : — Então?... que foi isso?... a comadre...? —, elle respondeu melancolicamente :

— A comadre ouvia-me dizer que em nossa casa faltava uma criança, e quiz arranjar-a fóra... Deixal-a! — Vamos ao vicio !

Nessa noite perdeu quinze mil e oitocentos.

O VELHA LIMA

A FRICINAL VASSICO

O VELHO LIMA

O velho Lima, que era empregado — empregado antigo — numa das nossas repartições publicas, e morava no Engenho de Dentro, cahiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de Novembro de 1889, isto é, na vespera da proclamação da Republica dos Estados-Unidos do Brasil.

O doente não considerou a molestia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quiz medico : bastaram-lhe alguns remedios caseiros, carinhosamente administrados por uma nedia mulata que ha vinte e cinco annos lhe tratava com equal solitudine do amor

e da cosinha. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.

O nosso homem tinha o habito de não ler jornaes, e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), elle ignorava completamente que o Imperio se transformára em Republica.

No dia 23, restabelecido e prompto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou logar no trem, ao lado do commendador Vidal, que o recebeu com estas palavras :

— Bom dia, cidadão.

O velho Lima estranhou o *cidadão*, mas de si para si pensou que o commendador disséra aquillo como poderia ter dito *illustre*, e não deu maior importancia ao cumprimento, limitando-se a responder !

— Bom dia, commendador.

— Qual commendador! Chame-me Vidal! Já não ha commendadores !

— Ora essa ! Então porque ?

— A Republica deu cabo de todas as commendas ! Acabaram-se !...

O velho Lima encarou o commendador, e calou-se, receioso de não ter comprehendido a pílheria.

Passados alguns segundos, perguntou-lhe o outro :

— Como vae você com o Aristides?

— Que Aristides?

— O Silveira Lobo.

— Eu!... onde?... como?...

— Que diabo! pois o Aristides não é o seu ministro? Você não é empregado de uma repartição do ministerio do Interior?...

D'esta vez não ficou dentro do espirito do velho Lima a menor duvida de que o commendador houvesse enlouquecido.

— Que estará fazendo a estas horas o Pedro II? perguntou Vidal, passados alguns momentos. Sonetos, naturalmente, que é do que mais se occupa aquelle typo!

— Ora vejam, reflectiu o velho Lima, ora vejam o que é perder a razão: este homem quando estava no seu juizo era tão monarchista, tão amigo do imperador!

Entretanto, o velho Lima indignou-se, vendo que o subdelegado de sua freguezia, sentado no trem, defronte d'elle, approvava com um sorriso a perfidia do commendador.

— Uma autoridade policial! murmurou o velho Lima.

E o commendador accrescentou:

— Eu só quero ver como o ministro brasileiro

recebe o Pedro II em Lisboa ; elle deve lá chegar no principio do mez.

Ô velho Lima commovia-se :

— Não diz coisa com coisa, coitado !

— E a bandeira ? Que me diz você da bandeira ?

— Ah, sim... a bandeira... sim... repetiu o velho Lima para o não contrariar.

— Como a prefere : com ou sem lemma ?

— Sem lemma, respondeu o bom homem num tom de profundo pezar ; sem lemma.

— Tambem eu ; não sei o que quer dizer bandeira com lettreiro.

Como o trem se demorasse um pouco mais numa das estações, o velho Lima voltou-se para o subdelegado, e disse-lhe :

— Parece que vamos ficar aqui ! Está cada vez peor o serviço da Pedro II !

— Qual Pedro II ! bradou o commendador. Isto já não é de Pedro II ! Elle que se contente com os cinco mil contos !

— E vá para a casa do diabo ! accrescentou o subdelegado.

O velho Lima estava attonito. Tomou a resolução de calar-se.

Chegado á praça da Acclamação, entrou num bonde e foi até á sua secretaria sem reparar em

nada nem nada ouvir que o pozesse ao corrente do que se passára.

Notou, entretanto, que um vandalo estava muito occupado a arrancar as corôas imperiaes que enfeitavam o gradil do parque da Acclamação...

Ao entrar na secretaria, um servente preto e mal trajado não o comprimontou com a costumada humildade; limitou-se a dizer-lhe :

— Cidadão!

— Deram hoje para me chamar cidadão! pensou o velho Lima.

Ao subir, cruzou-se na escada com um conhecido de velha data.

— Oh! você por aqui! Um revolucionario numa repartição do Estado!...

O amigo comprimontou-o cerimoniosamente.

— Querem ver que já é alguém! reflectiu o velho Lima.

— Amanhan parto para a Parahyba, disse o sujeito cerimonioso, estendendo-lhe as pontas dos dedos; como sabe, vou exercer o cargo de chefe de policia. Lá estou ao seu dispor.

E desceu.

— Logo vi! Mas que descarado! Um republicano exaltadissimo!...

Ao entrar na sua secção, o velho Lima repa-

rou que haviam desaparecido os reposteiros.

— Muito bem ! disse consigo ; foi uma boa medida supprimir os taes reposteiros pesados, agora que vamos entrar na estação clamosa.

Sentou-se, e viu que tinham tirado da parede uma velha lithographia representando D. Pedro de Alcantara. Como na occasião passasse um continuo, perguntou-lhe :

— Porque tiraram da parede o retrato de sua magestade ?

O continuo respondeu num tom lentamente desdenhoso :

— Ora, cidadão, que fazia alli a figura do Pedro Banana ?

— Pedro Banana ! repeliu raivoso o velho Lima. E, sentando-se, pensou com tristeza :

— Não dou tres annos para que isto seja republica !

1
A « RÉCLAME »

A ASSIS PACHECO

A « RÉCLAME »

I

Era um domingo. O commendador Vianna acabou de almoçar, sentou-se numa cadeira de balanço, cruzou as mãos sobre o ventre, atirou o olhar pela janela escancarada que enchia de ar e luz a sala de jantar, e viu, no jardim visinho, um homem a escrever, sentado á sombra de um caramanchão.

— O' menina, dá cá o binoculo.

Laura, a esposa do commendador Vianna, trouxe-

lhe o binoculo, que elle assestou contra o homem do caramanchão.

— Não me enganava : é elle... é o tal Passos Nogueira !...

— Que Passos Nogueira ? perguntou Laura.

O commendador não respondeu ; voltou-se para a criada, que levantava a mesa, e interpelou-a :

— Aquelle sujeito mora alli ha muito tempo ? Você deve saber...

— Que sujeito ?

— Aquelle que está escrevendo acolá, no jardim da casa de pensão, — não vê ?

— Ah ! o poeta ?

— Quem lhe disse a você que elle é poeta ?

— E' como o ouço tratar na vizinhança. Já alli morava quando viemos para esta casa.

— Entretanto, observou Laura, estamos aqui ha oito mezes e é a primeira vez que o vejo.

— Devéras ? perguntou entre dentes o commendador, com um olhar de desconfiança.

— Ora esta ! murmurou Laura, muito admirada da inflexão e do olhar do marido.

— Parece impossivel que minha ama não tenha reparado, acudio a criada, porque o poeta vae todas as manhans e todas as tardes escrever naquelle logar.

— Todas as manhans? indagou o dona da casa levantando-se.

— E todas as tardes, repetiu ingenuamente a criada.

E foi para a cozinha.

— Vianna, obtemperou Laura, a proveitando a ausencia da criada, você faz umascoisas exquisitas! Esta mulher vae ficar convencida de que meu marido tem ciumes de um homem que eu nem sequer conheço!

— Aquillo é um bandido! regougou o commendador.

— Pois deixe-o ser! Que temos nós com isso? Elle está na sua casa e nós na nossa.

— Se eu soubesse que aquelle patife morava alli, não tinhamos vindo para cá!

— Mas que importa que elle more alli?

— Importa muito! Aquillo é sujeitinho capaz de manchar a reputação de uma senhora com um simples cumprimento. Elle algum dia já te cumprimentou?

— Pois eu já não lhe disse que nunca reparei nesse homem?

— Alli onde o vês tem causado a desgraça de umas poucas de senhoras! Por causa delle a mulher de um negociante deixou o marido, a filha

de um despachante da Alfandega sahiu da casa do pae, e a viuva de um coronel tentou suicidar-se!

— Com effeito! exclamou Laura, agarrando rapidamente no binoculo, — deve ser um homem excepcional!...

— Não! é melhor que o não vejas! ponderou o marido, tomando-lhe o binoculo das mãos. Que interesse tens tu...?

— Apenas o interesse que você mesmo me despertou, contando-me as conquistas desse Napoleão do amor.

— Mulheres doentias e malucas... pobresinhas que se deixaram levar por cantigas, ora ahí tens!... Aquelle peralta faz versos, e os jornaes levam a dizer todos os dias que elle tem muito talento... e que é muito inspirado...

— Lembra-me agora que já tenho lido esse nome de Passos Nogueira.

— Oh, menina, vê lá se tambem tu...

— Descanse: já não estou em idade de me deixar levar por poesias.

— Pois sim, mas peço-te que não te debruces nessa janela quando o tal poestraço estiver no seu caramanchão.

— Porque? Receia que eu caia? Ora deixe-se de ciumes!

— Não são ciumes, são zelos. Não receio pelo que possas fazer... mas tenho medo que a vizinhança murmure.

II

Laura, que até então ignorava a existencia do poeta Passos Nogueira, começou a interressar-se muito por elle, graças á *réclame* feita pelo commendador. Sentia-se attrahida pela figura daquelle horrendo seductor de solteiras, casadas e viúvas, e duas vezes ao dia, reclinada á janela, olhava longamente para o poeta.

Este acabou por notar a insistencia com que era contemplado pela vizinha, e promptamente correspondeu aos seus olhares languidos e promettedores.

Estabeleceu-se logo entre elles um desses namoros saborosos e terriveis, ridiculos e absorventes, que monopolisam duas existencias.

Para justificar a precipitação dos factos, digamos que Laura, mulher de vinte e seis annos, romantica e nervosa, casara-se, muito nova ainda, com o com

mendador Vianna, homem quinze annos mais velho que ella, curto e positivo, que não correspondia absolutamente ao seu ideal de moça.

Digamos ainda que o poeta Passos Nogueira, rapaz de talento vantajosamente apreciado, atordou-se quando se viu provocado pelos bonitos olhos de uma bella mulher casada. Apesar da reputação que gozava e da qual se fizera echo o proprio commendador, Passos Nogueira jamais inscrevêra no seu canthendo de conquistas faceis uma aventura tão interessante e tão consideravel como essa que agora lhe desasocejava o espirito e lhe espantava as rimas.

Digamos ainda que o commendador continuava todos os dias a fazer *réclame* ao namorado, referindo-se á sua pessoa em termos desabridos, insultando-o de modo que elle não ouvisse, e, finalmente, exprobrando a Laura, por mera presumpção, que ella o animasse e lhe dêsse corda.

Não tardou que o poeta escrevesse á vizinha um bilhete, lançado por cima do muro que separava as duas casas. Perguntava pelo seu nome e pedia-lhe uma entrevista. Ella respondeu : « Não ! não é possível ! Não me persiga ! Esqueça-se de mim ! Bem vê que não sou livre ! Um encontro poderia causar a nossa desgraça ! »

Mas, não obstante desengano tão deciviso e formal, no dia seguinte os olhos da moça encontraram-se com os dos poeta. Ella sentia a necessidade, o dever de fugir daquelle homem, mas não tinha forças para fazel-o. E o namoro continuou.

Dous dias depois, novo bilhete. Ella abriu-o soffrega e palpitante, — e leu estes versos :

« Eu não sou livre », escreveste;
Porém, se livre não eras,
Por que com tantas chimeras
Encheste um cerebro nu?
Pedes que não te persiga...
Mas, por teus olhos ferido,
Reflecte que o perseguido
Sou eu, meu anjo, e não tu!

Quando da tua janella
Atiras aos meus desejos
Olhares que valem beijos,
Por que tens beijos no olhar;
Quando esses ternos olhares
Com meus olhares se cruzam,
Teus lindos olhos abusam
Do seu condão de encantar!

Não te comprehendo, vizinha;
Tu mesma não te comprehendes:
Fazes-te amar, e pretendes
Que eu fuja e te deixe em paz!
Mas não vês que é negativo
Este systema que empregas?
Tudo, escrevendo, me negas,
— E, olhando, tudo me dás!

Visinha, bella visinha,
Visinha por quem padeço,
Pois taes palavras mereço
Que me fizeram chorar?
O promettido é devido...
Para que o peito me aquietes,
Ou dá-me quanto promettes,
Ou não promettas sem dar! »

III

Para encurtar razões : Passos Nogueira e Laura foram por muito tempo, e não sei se continuam a ser, os amantes mais apaixonados que ainda houve.

Ella nunca perdoou ao marido o máo passo que deu. Seria ainda hoje o modelo das esposas, se o commendador não se lembrasse de fazer *réclame* ao poeta.

Este, por expressa recommendação da amante, nunca mais appareceu no caramanchão fatidico.

Isto fez com que o marido tornasse ás boas. Uma tarde perguntou :

— O' menina, então o poeta já alli não mora?

— Não sei, respondeu Laura com uma deliciosa

indiferença. Se se mudou, melhor! Um libertino d'aquelles!

— Deixa-o lá, coitado! Muitas vezes são mais as vozes que as nozes.

— Que diabo! foi você mesmo quem falou da filha do despachante, da mulher do negociante e da viuva do coronel!...

— Disseram-me. Este Rio de Janeiro, menina, é a terra da maledicencia. Deus me livre de que alguém se lembre de espalhar por ahí que eu roubei o sino de São Francisco!

O CONTRABANDO

A VALENTIM MAGALHÃES

O CONTRABANDO

Geraldo casou-se muito novo, em 1871, aos vinte annos, e enviuvou aos trinta. Solteiro, foi um menino turbulento ; casado, era um moço alegre ; viuvo, tornara-se um macambuzio.

Foi para o pobre rapaz um golpe terrivel e esmagador a morte da esposa querida, excellente senhora, bonita e bem educada, mais nova dous annos que o marido. Elle morreria tambem, se em 1874 não lhes houvesse nascido uma filhinha.

Orpham e sem parentes, Geraldo vive hoje apenas para essa criança, que vae fazer dezeseite annos e é linda como os amores. Não a tem comsigo, mas no proprio collegio, em que a mandou educar e de onde não a tirou ainda por não ter a quem confial-a.

Aos domingos almoça e janta com ella ; vae pela manhan buscal-a ás Lorangeiras, e tral-a para casa, em S. Christovam, depois de ouvirem ambos a missa das dez na matriz da Gloria. A noite leva-a para o collegio.

Nesses dias a casa do viuvo — o convento, como lhe chamam os visinhos — transforma-se ; as janellas abrem-se, o piano desperta os echos adormecidos da sala, e ha flores por toda a parte. Depois que a menina sae, a casa readquire o seu aspecto sombrio e monastico.

Nos outros dias Geraldo consola-se da ausencia de Margarida — é este o nome d'ella — esquecendo os olhos na contemplação do seu retrato, uma grande photographia recente, emoldurada, que enfeita e alegra a parede da sala, por cima do piano.

Infelizmente o viuvo não possui o retrato da morta, mas a filha parece-se tanto com a mãe, que a imagem de uma é bastante para approximal-mente mentalmente de ambas, e confundil-as no mesmo carinho e na mesma saudade.

Geraldo é funcionario publico. Ergue-se muito cedo, toma-o seu banho frio, lê os jornaes e almoça. Depois do almoço vae para a repartição, de onde sae ás tres horas. Atravessa vagarosamente a rua do Ouvidor, parando defronte das *vitrines*, sem falar a ninguem, cumprimentando apenas os raros conhecidos que encontra. A's cinco horas está em casa ; janta, accende um charuto — fumar é o seu unico vicio — e vae passar duas horas sentado numa poltrona, contemplando o retrato da filha. A's oito horas recolhe-se ao gabinete e lê até as onze. Deita-se então, e péga immediatamente no somno. A's vezes vae buscar Margarida, leva-a ao theatro lyrico, e acompanha-a ao collegio depois do espectaculo, — mas isso é raro.

Além d'elle, ha em casa uma cosinheira que dorme fóra, e um famulo portuguez, o José, homem de confiança, que accumula as funcções de criado de quarto, copeiro e jardineiro. Geraldo faz questão do jardim por causa dos domingos : Margarida gosta de flores.

II

Estamos numa tarde de Março de 1891. Geraldo dá um dos seus passeios habituaes pela rua do Ouvidor; pára defronte da *vitrine* do Preço Fixo, e sente alguém pousar-lhe as mãos nos hombros. Volta-se, e reconhece o Tavares, que fôra seu condiscipulo no collegio Marinho, — um grande estroina que se ensaiou sem resultado em tres ou quatro profissões diversas, e tem agora muito dinheiro, ganho na rua da Alfandega em transacções da Bolsa.

— Oh, Geraldo, andava morto por encontrar-te ! Ia escrever-te amanha...

— Estou ás tuas ordens.

• — E's ainda muito urso ?

— Sou e serei. Bem sabes que hadez annos, desde que perdi minha mulher, perdi tambem toda a alegria, e só me comprazo na solidão e no silencio. Se me encontras na rua do Ouvidor, é porque, depois de azoinado por este bullicio, acho ainda mais deliciosa a paz do meu tugurio.

— Bem, mas vaes sacrificar-me um dia, um dia só, desse isolamento em que te comprazes : has de jantar commigo quinta-feira.

— Eu ? !

— Tu, sim ; nesse dia faço quarenta annos, e quero reunir á mesa alguns amigos da minha idade.

— Sabes lá o que dizes, desgraçado ! Os meus quarenta annos iriam ensombrar os seus ! Pois queres á tua mesa um contemplativo, um urso, como tu mesmo me classificas ?

— Faço questão da tua presença !

— Não ! não vou ! não contes commigo ! Ha dez annos que janto sosinho, ou, quando muito, em companhia de minha filha !

— Ha dez annos que não jantas...

— Gósto de tí, sou teu amigo, considero-te muito, mas não terei o menor prazer nesse jantar de annos.

— Oh, grande typo, sê mysantropo, mas — que diabo ! — não sejas desse modo egoista ! Não se trata do teu prazer mas do meu, entendes tu ? Exijo um sacrificio de tua parte, bem sei ; mas, como te declaras meu amigo, tens o dever de te submetteres á minha vontade ! Vens a contra gosto ?... que me importa !... o essencial é que venhas ! Quem te mandou ter quarenta annos ? Aguenta-te !

III

Na quinta-feira aprazada Geraldo sahiu da repartição ás horas do costume e foi direito para casa. Não se calcula o espanto da cosinheira e do José quando o patrão lhes disse : Janto hoje fóra.

O macambuzio foi para o seu quarto, mudou de roupa, lançou um olhar saudoso ao retrato da filha, e sahiu.

Uma hora depois entrava em casa de Tavares, em Botafogo, e cahia-lhe a alma aos pés : na sala, sentados aqui e alli, fazendo roda ao dono da casa, estavam quatro sujeitos e cinco mulheres elegantemente vestidas, empoadas, pintadas e cheias de joias e brilhantes.

Geraldo estacou entre os umbraes da porta e teve um movimento retroactivo em presença de tantas *cocottes* ; mas o Tavares desprendeuse dos braços de uma dellas, a mais bonita, e foi buscal-o com um abraço.

— Bravo ! Cá está o homem ! Agora não falta mais nenhum ! Estão reunidos seis amigos de quarenta

annos. Nascemos todos em 1851. — Conhecem-se?

Dos quatro sujeitos, Geraldo apenas conhecia um, o Eduardo Tavora, doutor em medicina, que fôra tambem seu condicipulo no collegio Marinho. O Tavares apresentou-lhe os outros : o visconde do Sabugal, opulento banqueiro que ha seis annos ainda era moço de padaria, — o doutor Bandeira, advogado, — e o Motta, um rapaz portuguez muito activo mas muito pandego, que tinha deitado fóra duas fortunas, e desfructava agora a terceira, que era a maior.

Seguiu-se a apresentação das *cocottes*. O Tavares principiou pela mais bonita : — Mademoiselle Georgina, madame Tavares até amanhan alli pelas onze horas o mais tardar ; uma pariziense que nunca poz os pés em Pariz ; nasceu e cresceu em Bordeaux, e de lá veio o anno passado, contractada para as Folies-Bergère do becco do Imperio. Não fala uma palavra de portuguez e não tem medo da febre amarella.

Geraldo cumprimentou mademoiselle Georgina com muito acanhamento.

— Conchita e Mercedes, ambas hespanholas de Buenos-Aires, como a outra é pariziense de Bordeaux, — duas moscas varejeiras, attrahidas pelo mel do Encilhamento dos *macaquitos*. — A Sinhá, pau-

lista que deu volta a todas as cabeças em São Paulo e está conquistando todos os corações na Capital Federal. — Angelina — *chapeau bas!* —, a italiana mais bonita que tem pisado terras de Santa-Cruz!

E baixinho, ao ouvido de Geraldo :

— E' das nossas. Nasceu tambem antes do Golpe de Estado...

O viuvo estava attonito. Elle apertára a mão ás cinco mulheres, e cada uma dellas lhe impregnára um perfume diverso.

Chamou o Tavares ao vão de uma janella, e disse-lhe :

— Armaste-me uma cilada. Vou fazer triste figura entre essas typas. Não sirvo para isto.

— Ora deixa-te de luxos! Que mal podem ellas fazer-te?

— Nenhum.

— Mandei buscal-as para enfeitarem a meza. Faze de conta que são flores...

— Que flores!...

— Ellas são cinco e nós somos seis. Sobra um, que és tu. Uma vez que o genero não te agrada, fica isolado. Tu'alma tua palma.

A's sete horas passaram todos á sala de jantar. Os cavalheros deram o braço ás damas. Geraldo ia sozinho, no couce desse bathalhão de Cythera.

A meza, uma meza circular, de doze talheres, resplandecia entre flores e fructos, numa profusão de luzes que se reflectiam nos christaes multicores.

O Tavares sentou-se entre a franceza e a italiana ; o visconde ficou entre esta e a Conchita, e junto da Conchita o Motta, e ao pé do Motta o nosso Geraldo que deixou entre si a e Mercedes uma cadeira vasia ; junto da Mercedes ficou o doutor Bandeira, tendo á sua direita a Sinhá e entre esta e mademoiselle Georgina tomou lugar o doutor Tavora.

O Motta protestou contra a cadeira vasia :

— Isto não está direito : somos seis homens e cinco senhoras !

— Estames no Paraguay ! exclamou o doutor Tavora.

— Uma semsaboria, obtemperou o Tavares ; madame Bertin ficou de trazer seis raparigas e só trouxe cinco. Eu pul-a immediatamente a andar, e disse-lhe que não voltasse aqui sem a sexta. Conto que a traga. Se vier, ha de sentar-se alli, entre o Motta e o Geraldo.

Acabada a sopa, discretamente regada por um delicioso Madeira secco, abriu-se uma porta e appareceu na sala a figura encarquilhada da tal madame Bertin, uma franceza que brilhou entre o mulhero galante do Rio de Janeiro de 1855 a 1860, e exer-

ce agora a ignobil profissão de medianeira de amores faceis.

— A entrada da velha foi ruidosamente acolhida com palmas batidas por vinte mãos, que vinte e duas seriam se Geraldo não se abstivesse dessa manifestação.

— Mas que é isto ?... a senhora veio só ? !... perguntou o Tavares, arregalando uns olhos furibundos.

— Não; ella está na saleta ; é ainda muito acanhada.

O Tavares ergueu-se e foi á saleta. Voltou, conduzindo pela mão uma rapariga morena, muito envergonhada, com os olhos postos no chão, e tão nova, tão nova, que certamente não tinha ainda vinte annos.

— Foi o que pude encontrar, ponderou madame Bertin durante a curta ausencia do Tavares.

— Passe para a outra cadeira, disse logo o Motta a Geraldo ; a pequena deve ficar sentada entre nós dous. Entretenha-se o amigo com ella, porque eu cá estou muito occupado com a Conchita.

Geraldo obedeceu enfiado, e o Tavares conduziu a recémchegada até a cadeira que ficou vazia.

— Quanto á senhora, disse o Tavares retomando o seu lugar e dirigindo-se a madame Bertin, vá lá para a copa ; coma e beba á vontade !

— Sim, adduziu o visconde ; aqui não ha logar para mais ninguem... não queremos ser treze á meza...

— E demais, accrescentou o Motta, não podem tomar parte neste jantar pessoas que tenham mais de quarenta annos !

Todos se riram, e madame Bertin desapareceu.

Depois dos dous primeiros pratos, acompanhados, o primeiro por um rico Sauternes e o segundo por um riquissimo Pommard, notou Geraldo que cada um dos commensaes se occupava muito particularmente de uma de suas visinhas. O Tavares bebia pelo copo de mademoiselle Georgina. O doutor Tavora passára o braço em volta da cintura da Sinhá. O advogado segredava não sei o que ao ouvido da Mercedes, que revirava languidamente os olhos. O Motta cantarolava um trecho de zarzuela, tamborilando nas costas da Conchita. O visconde, que se queixava do calor, entrelaçava os dedos nos de Angelina. Só Geraldo e a ultima chegada se conservavam sisudos, como se assistissem a um banquete de muita cerimonia.

— Então que é isso, Geraldo ? vociferou o Tavares. Não dizes palavra a essa pobre moça ?... não lhe fazes a côrte ? Sê romano em Roma, meu velho ! Esquece-te dos teus velhos desgostos ! Transforma-te !

Geraldo, effectivamente, começava a sentir a necessidade de transformar-se, para não ser ridiculo.

— Como se chama ? perguntou á sua vizinha num tom de voz brando e carinhoso.

— Laura.

— E' filha mesmo daqui ?

— Sou de Rezende.

— Já não tem pae nem mãe ?

— Animo, Geraldo ! vociferou o Tavares.

— Tenho mãe ; meu pae morreu quando eu era pequenina.

— Vive em companhia de sua mãe ?

Amoça estranhou a pergunta, e volveu para o seu interlocutor uns olhos muito espantados. Depois cahiu em si, reflectiu que a curiosidade do outro era uma coisa muito natural, e respondeu :

— Não, senhor.

— Com quem vive então ?

— Vivo sosinha. Eu era casada, mas deixei meu marido.

— Porque ?

— Porque não gostava d'elle. Mamãe obrigou-me a casar contra a vontade. Eu gostava de um moço que me tirou de meu marido, me trouxe para o Rio de Janeiro, e me abandonou no hotel. Não conheço ninguem nesta terra, e se não fosse madame Bertin....

.....

A conversação continuou por algum tempo nesse terreno simples e innocente ; continuaria ainda, se o *punch à la romaine* que no *menu*, delicadamente impresso em ventarolas de seda, figurava como o *coup du milieu*, não se combinasse com o Madeira, o Sauternes e o Pommard para a transformação de Geraldo. Porque, digamol-o, o nosso viuvo, como todos os homens melancolicos, gostava de fazer honra aos bons vinhos.

A's nove horas, quando estoitou o champagne, todos os convivas, inclusive a bisonha Laura, fumavam magnificos cigarros egypcios, — « dos que fuma o kediva », observava o Tavares, que não perdia ensejo de encarecer o seu regabofe. A sala enchia-se de fumo. O doutor Bandeira e a Mercedes beijavam-se descaradamente. A Sinhá, para ficarmais á vontade, pedia ao doutor Tavora que lhe desabotoasse o corpinho. O Tavares ia buscar com os labios as uvas que mademoiselle Georgina prendia entre os dentes, e dizia-lhe umas coisas num francez capaz de fazer tremer de indignação a sombra de Bossuet. O Motta, embriagado, rescostava-se no collo da Conchita, que o penteava com os dedos. O visconde, que se pozera em mangas de camisa, abraçava voluptuosamente a italiana, e gaguejava um brinde « ao nosso Amphy-

trião », brinde a que ninguém prestava ouvidos. Geraldo e Laura, de mãos dadas, faziam protestos de se não separarem aquella noite.

A's onze horas, quando os convivas se levantaram da meza, Geraldo, ebrio de vinho e de voluptia, apoiou-se á cadeira para não cahir. Foi para a saleta, e Laura acompanhou-o até um divan, onde se sentaram ambos, de mãos dadas, elle saboreando um havana, ella fumando, por obrigação, desageitadamente, outro cigarro dos que fuma o kediva.

O visconde e os doutores desapareceram com as suas visinhas respectivas. Só ficaram Geraldo e o Motta, — tão bebado este, que o Tavares mandou preparar-lhe o quarto de hospedes. Conchita, affectuosa e sollicita, offereceu-se para fazer-lhe companhia durante a noite.

O Tavares approximou-se de Geraldo, a rir-se :
— Deitaste as manguinhas de fóra, heim, meu santarrão ?

Geraldo limitou-se a sorrir, lançando uma bafo-rada de fumo.

— Olha, eu quiz ser gentil para contigo, conti-nuou o Tavares; mandei apparelhar a victoria, para acompanhares a pequena á casa della... ou á tua...

— A' minha, redarguiu Geraldo; ella já me disse que ainda não tem casa...

VI

Quando a victoria do Travares se poz em movi-mento, conduzindo Laura o Geraldo, este, bafejado pelo ar fresco da noite, foi a pouco e pouco recupe-rando a consciencia nitida dos seus actos, e medindo toda a extensão dos excessos a que se entregára.

Sinceramente arrependido de ter aceitado o con-vite do Tavares, comparecendo a um jantar que degenerára em orgia, achava agora um incommodo trambolho a infeliz rapariga que alli ia atirada no fundo daquelle carro, com as palpebras cerradas, ignobilmente vendida á sua concupiscencia.

Perdèra de subito aquelle desejo que á meza lhe despertaram os sentidos; achava-se paternal junto

dessa mulher, e velho de mais para ella, que era quasi uma criança.

E lembrava-se das historias que Laura lhe contára durante o jantar : o seu casamento, a sua fuga a sua desgraça ; e o coração enchia-se-lhe de piedade e azedume. Tudo aquillo devia ser verdade ; ella não tinha ainda o feitio da *cocotte* , era ainda noviça na profissão : não devia saber mentir.

E Geraldo perguntava aos seus botões :

— Que vou eu agora fazer desta pequena?...

Depois, lembrou-se da ultima vez em que andára de carro. Havia já muitos mezes. Foi uma noite em que levára a filha aos *Huguenotes*, e teve que restituil-a ao collegio depois do espectáculo. Como ameaçasse chover, tomaram um carro no largo da Carioca. Margarida ia assim, como Laura, atirada para o fundo do carro, com as palpebras cerradas...

— Valha-me Deus! que vou eu agora fazer desta pequena?...

VII

A uma hora, Geraldo apeiava-se do carro e batia á porta de casa. Veio abrir-lh'a o José, que o esperava a pé firme, e notou, sorpreso, que o patrão

viéra acompanhado por uma mulher. A principio suppoz fosse a menina, que tivesse ido com o pae ao theatro e uma circumstancia qualquer impedisse de voltar para o collegio, — mas qual não foi o seu espanto ao ver que se tratava de um *contrabando*, o primeiro que entrava naquella casa!

— Póde recolher-se, disse-lhe Geraldo.

O criado sumiu-se, e o patrão abriu a porta da sala, convidando Laura a entrar.

Entraram, e elle immediatamente accendeu o gaz.

A rapariga olhou com curiosidade em volta de si, e o retrato de Margarida chamou-lhe logo a attenção.

— Que moça tão bonita e sympathica! exclamou. Parece uma santa! — Quem é?

— Minha filha.

— Sua filha? Que idade tem?

— Dezesete annos.

— Tem a minha idade.

Geraldo estremeceu.

— Tem tambem dezesete annos?

— Nasci em 1874.

— Sim?... e em que mez?...

— Em Abril... no dia 27 de Abril.

O viuvo empallideceu e ficou a olhar para a rapariga com uma expressão singular. Depois sorriu, pareceu reflectir, foi ao seu quarto, abriu um guar-

da roupa, e tirou do gavelão uma camisa de mulher que ali estava religiosamente guardada havia dez annos, com outras roupas que eram o espolio sagrado da morta.

— Aqui tem uma camisa de dormir. Dispa-se e deite-se.

Laura ficou sosinha no quarto. Elle esperou que ella se despisse e se deitasse, trouxe para a sala as suas roupas humidas e estendeu-as nas cadeiras para seccarem, apanhando o ar que entrava timidamente pelas venezianas.

Tornou á alcova. Laura estava deitada. Tinha vestido a camisa. Bocejava. Parecia morta de somno. Geraldo cobriu-a com um lençol, e perguntou-lhe :

— Gosta de dormir com luz?

— Gósto.

Elle accendeu uma lamparina e apagou o gaz. Depois, approximou-se da cama, abaixou-se, beijou a sua hospede na fronte, e disse-lhe :

— Boa noite, Laura ; durma bem. -

— Oh!... então o senhor não se deita commigo?...

— Não.

— Porque?

— Porque você nasceu no mesmo dia em que nasceu minha filha.

Ella comprehendeu, ficou muito triste e murmurou :

— Boa noite.

Geraldo foi para a sala, despiu-se e deitou-se no canapé. Reflectiu que Laura iria talvez fazer máo juizo da sua virilidade, e espalhar por ahi que elle não era um homem. Um instante quiz erguer-se para justificar-se positivamente... Mas não; separava-os aquella data : 27 de Abril de 1874; seria quasi um incesto ! Adormeceu, e passou toda a noite no canapé.

Levantou-se pela manhan, foi á alcova, e encontrou Laura accordada. Indicou-lhe a *toilette* num quarto adjacente, e levou-lhe as roupas que ficaram na sala a seccar. Depois, serviu-lhe uma chicara de café com leite e biscoitos.

A's oito horas e meia, Laura estava vestida. Geraldo chamou o José, e deu-lhe ordem para acompanhal-a até a casa. Quando ella ia a sahir, elle metteu-lhe nas mãos um *enveloppe* contendo uma nota de cem mil réis, beijou-a na fronte, e disse-lhe :

— Adeus, minha filha.

E poz-se á janela, e acompanhou-a com a vista até vel-a dobrar a esquina, com muita pena de não poder tiral-a para sempre daquella vida.

Depois, foi contemplar o retrato de Margarida.

A AGUA DE JANOS

A AGUA DE JANOS

I

O tenente de cavallaria Remigio Soares teve a infelicidade de ver uma noite dona Andréa num camarote do theatro Lucinda, ao lado de seu legitimo esposo, e peccou, infringindo impiamente o nono mandamento da lei de Deus.

A « mulher do proximo », notando que a « desejavam », deixou-se impressionar por aquella farda, por aquelles bigodes e por aquelles bellos olhos negros e rasgados

Ao marido, interessado pelo enredo do dramalhão

que se representava, passou complementemente despercebido o namoro acceso entre o camarote e a plateia.

Premiada a virtude e castigado o vicio, isto é, terminado o espectáculo, o tenente Soares accompanhou a certa distancia o casal até o largo de São Francisco e tomou o mesmo bonde que elle — um bonde do Bispo, — sentando-se, como por acaso, ao lado de dona Andréa.

Dizer que no bonde o pé do tenente e o pésinho da moça não continuaram a obra encetada no Lucinda — seria faltar á verdade que devo aos meus leitores. Accrescentarei até que, ao sahir do bonde, na pittoresca rua Malvino Reis, dona Andréa, com rapido e furtivo aperto de mão, fez ao seu namorado as mais concludentes e escandalosas promessas.

Elle ficou sabendo onde ella morava...

II

O tenente Remigio Soares foi para casa, em São Christovam, e passou o resto da noite agitadissimo, — pudera! A's dez horas da manhan atravessava já o Rio Comprido ao trote do seu cavallo!

Mas — que contrariedade! — as janelas de dona Andréa estavam fechadas...

O cavalleiro foi até a rua de Santa Alexandrina e voltou — patati, patatá, patati, patatá! — e as janelas não se tinham aberto...

O passeio foi renovado á tarde, — o tenente passou, tornou a passar, — continuavam fechadas as janelas...

Malditas janelas!

Durante quatro dias o namorado foi e veio a cavallo, a pé, de bonde, fardado, á paizana: nada! Aquillo não era uma casa: era um convento!

Mas ao quinto dia — oh, ventura! — elle viu sahir do convento um molecote que se dirigia para a venda proxima. Não reflectiu: chamou-o de parte, untou-lhe as unhas e interpellou-o.

Soube nessa occasião que ella se chamava Andréa. Soube mais que o marido era empregado publico e muito ciumento: prohibia expressamente á senhora sahir sosinha e até chegar á janela quando elle estivesse na rua. Soube, finalmente, que havia em casa dous Cerberos: uma tia do marido e um jardineiro muito dedicado ao patrão.

Mas o providencial moleque nesse mesmo dia se encarregou de entregar a dona Andréa uma cartinha do inflammado tenente, e a resposta — digamol-o

para vergonha daquella formosa desmiolada — a resposta não se fez esperar por muito tempo :

« Pede-me uma entrevista, e não imagina como desejo satisfazer a esse pedido, porque tambem o amo. Mas uma entrevista como?... onde?... quando?... Saiba que sou guardada á vista por uma senhora de idade, tia d'elle, e por um jardineiro que *lhe* é muito dedicado. Póde ser que um dia as circumstancias se combinem de modo que nos possamos encontrar a sós... Como ha um deus para os que se amam, esperemos que chegue esse dia : até lá, tenhamos um pouco de paciencia. Mande-me dizer onde de prompto o poderei encontrar no caso de ter que prevenil-o de repente. O moleque é de confiança. »

Na esperanza de que o grande dia chegasse, o terrente Remigio Soares mudou-se immediatamente para perto da casa de dona Andréa : procurou e achou um commodo de onde se via, meio encoberta pelo arvoredado, a porta da cozinha do objecto amado. Dessa porta dona Andréa fazia-lhe um signal convencionado todas as vezes que desejava enviar-lhe uma cartinha.

III

Diz a classica sabedoria das nações que o melhor da festa é esperar por ella.

Não era dessa opinião o tenente, que ha dezoito mezes suspirava noite e dia pela mulher mais bonita de todo aquelle bairro do Rio Comprido, sem conseguir trocar uma palavra com ella !

Os namorados, graças ao molecote, correspondiam-se epistolarmente, é verdade, mas essa correspondencia, violenta e fogosa, contribuia para mais atizar a luta entre aquelles dous desejos e augmentar o tormento daquellas duas almas.

IV

Os leitores — e principalmente as leitoras — me desculparão de não pôr no final deste conto um grão

de poesia : tenho de concluir-o um pouco á Armand Silvestre. Em todo caso, verãõ que a moral não é sacrificada.

O meu heróe andava já obcecado, menos pelo que acreditava ser o seu amor, que pelos dezoito mezes de longa expectativa e lento desespero.

Um dia, o Barroso, seu amigo intimo, seu confidente, foi encontral-o muito abatido, sem animo de se erguer da cama.

— Que tens tu ?

— Ainda m'õ perguntas...

— Tem paciencia : Jacob esperou quatorze annos.

— Esta coisa tem-me posto doente.. Bem sabes que eu gozava uma saude de ferro... Pois bem, neste momento a cabeça peza-me uma arroba... tenho tonteiras !...

— Isso é calor : a tua Andréa não tem absolutamente nada que ver com esses phenomenos pathologicos. Queres um conselho ? Manda buscar ali á botica uma garrafinha de agua de Janos. E' o melhor remedio que conheço para aliviar a cabeça.

O tenente aceitou o conselho, e Barroso despediu-se d'elle depois que o viu esvasiar um bom copo da benemerita agua.

Vinte minutos depois desssa libação desagradavel, Remigio Soares viu assomar ao longe, na porta da

cosinha, o vulto airoso de dona Andréa, annunciando-lhe uma carta.

Pouco depois entrava o molecote e entregava-lhe um bilhete escripto ás pressas.

« A velha amanheceu hoje com febre e não sae do quarto. O jardineiro foi á cidade chamar um medico da confiança della. Vem depressa, mal recibas este bilhete : ha de ser já, ou nunca o será talvez. »

O tenente soltou um grito de raiva : a agua de Janos começava a produzir os seus effeitos fataes ; era impossivel acudir ao doce chamado de dona Andréa !

Era impossivel tambem confessar-lhe a causa real do não comparecimento : nenhum namorado faria confissões dessa ordem...

O misero pegou na penna, e escreveu, contendo-se para não fazer outra coisa :

« Que fatalidade ! Um motivo poderosissimo constrange-me a não ir... Quando algum dia haja certa intimidade entre nós, dir-te-ei qual foi esse motivo, e tenho certeza de que me perdoarás. »

Dona Andréa não perdoou. O tenente Remigio Soares nunca mais a vio.

V

Quando, no dia seguinte, elle contou ao Barroso a desgraça de que este fôra o causador involuntario, o confidente sorriu, e obtemperou :

— Vê tu que grande remedio é a agua de Janos : um só copo bastou para aliviar tres cabeças !



A MARCELLINA

A MARCELLINA

I

Naquelle tempo (não ha necessidade de precisar a epoca) era o doutor Pires de Aguiar o melhor freguez da alfaiataria Raunier e uma das figuras obrigadas da rua do Ouvidor. Como advogado diziam-no de uma competencia um pouco duvidosa, o que aliás não obstava a que elle ganhasse muito dinheiro, — mas como janota — força é confessal-o — não havia rapaz tão elegante no Rio de Janeiro.

Rapaz ? Rapaz, sim : o doutor Pires de Aguiar pertencia a essa privilegiada classe de solteirões que se conservam *rapazes* durante trinta annos.

Quando lhe perguntavam a idade, respondia invariavelmente : — Orço pelos quarenta —, e durante muito tempo não deu outra resposta. Os seus contemporaneas de Academia attribuiam-lhe cincoenta, bem puxados. As senhoras, essas não lhe davam mais que trinta e cinco.

Elle tinha um fraco pelas mulheres de theatro. Consistia o seu grande luxo em ser publicamente o amante official de alguma actriz. Não fazia questão de espirito nem de belleza ; o indispensavel é que ella occupasse logar saliente no palco, e fosse applaudida e festejada pelo publico. Não era o amor, era a vaidade que o conduzia á nauseabunda Cythera dos bastidores.

Essas ligações depressa se desfaziam ; duravam emquanto durava o brilho da *estrella* ; desde que esta começava a offuscar-se, elle achava um pretexto para afastar-se della e procurar immediatamente outra. Como era intelligente e generoso — muito mais generoso que intelligente —, nunca ficava mal com o astro cahido.

Algumas vezes o rompimento era provocado por ellas — pelas de mais espirito —, que facilmente se enfaravam de um individuo tão preocupado com a propria pessoa, e tão vaidoso das suas roupas.

II

No tempo em que se passou a acção deste ligeiro conto, a nova conquista do doutor Pires de Aguiar era uma actriz portugueza, a Clorinda, que viera de Lisboa apregoada pelas cem trombetas da *réclame*, e cuja estreia, num dos nossos theatrinhos de opereta, o publicò esperava anciosamente.

Uma hora antes de começar o espectáculo de estreia, entrou o advogado triumphantemente na caixa do theatro, levando pelo braço a sua nova amiga, elegantemente envolvida numa soberba capa de pelucia. Ia fazer-lhe entrega do camarim, cujo arranjo confiára liberalmente ao bom'gosto e á pericia dos mais habéis tapeceiros e estufadores.

Ella ficou encantadissima, e agradeceu com beijos quentes e sonoros a dedicada solitudine do amante.

Que bello tapete felpudo! que bonitos quadros! que papel bem escolhido! que delicioso divan! que magnifico espelho de tres faces, onde o seu vulto airoso se reflectia tres vezes por inteiro! e que pro-

fusão de perfumarias! e que precioso serviço de *toilette!*...

Nada faltava tambem sobre a mezinha da *maquillage*, intensamente illuminada por dous bicos de gaz.

O doutor Pires de Aguiar tinha longa pratica desses arranjos; não podia esquecer-se de nenhum dos ingredientes necessarios ao camarim de uma actriz que se respeita ; o arsenal estava completo.

D'ahi a nada ouviu-se um — *Dá licença?* —, e o director de scena entrou no camarim, acompanhado por uma mulher já edosa, muito pallida, de aspecto doentio, e pobremente trajada.

— Dona Clorinda, aqui tem a sua costureira.

A *estrella* não conteve um gesto de despeito. O director de scena comprehendeu-o, e sahiu immediatamente, para não entrar em explicações.

— E' doente ? perguntou Clorinda á costureira.

— Não, senhora. Tive uma doença grave, mas agora estou boa. Sahi ha dous dias da Santa Casa.

Clorinda trocou um olhar com o advogado, e este disse-lhe, refestelando-se no divan :

— *Ma chère, il faut se contenter de cette habil-leuse ; nous ne sommes pas en Europe.*

Elle impingiu a phrase em francez, para que não

a entendesse a costureira, mas a verdade é que Clorinda também não percebeu, o que aliás não a impediu de responder : — Oui.

Despojada da mantilha e da bella capa de pelucia, Clorinda sentou-se entre os dous bicos de gaz, e começou a pintar-se, dizendo : — Vamos a isto !

— E dirigindo-se á costureira :

— Sente-se. Porque está de pé ?

A pobre mulher sentou-se a medo, como receiosa de macular a palhinha doirada da cadeira com o seu miseravel vestido de chita.

— Sabe que me disseram bonitas coisas a seu respeito ? perguntou a actriz ao advogado, olhando-o pelo espelho.

— Devéras ?

— Ao que me parece, você tem sido um gajo !

O doutor Pires de Aguiar teve um sorriso inexpressivel. Aquelle *gajo* entrou-lhe pela vaidade a dentro como uma gran-cruz.

— Com que então, a sua especialidade são as actrizes ?

— Sou doido pelo theatro.

— E ha quanto tempo dura essa doidice ?

— Ha muito tempo. Estou velho, bem vê. Orço pelos quarenta.

— Ninguem lhe dará mais de trinta e cinco.

— São os seus olhos.

— Qual foi a sua primeira paixão no theatro?

— Ah! isso...

O advogado levantou o braço e estalou os dedos.

— ... isso é prehistorico; perde-se na noite dos tempos.

— Como se chamava essa collega?

— Chamava-se Marcellina.

— Que fim levou?

Elle encolheu os hombros.

— Sei lá! provavelmente morreu. Nunca mais ouvi falar della. Ha mulheres que desaparecem como os passarinhos que não foram mortos a tiro nem engaiolados : ninguem lhes vê os cadaveres.

— Gostou della?

— Foi talvez a paixão mais séria da minha vida.

— Nunca mais a procurou?

— Para que?

— Tinha talento?

— Talento? Não. Tinha habilidade.

E depois de uma pausa:

— Tinha habilidade e era muito boa rapariga.

— Brasileira?

— Sim. Representava ingenuas em dramalhões de capa e espada, alli, no São Pedro de Alcantara. Um dia — eu já a tinha deixado — um dia pateiaram-na por motivos que nada tinham que ver com

a arte dramatica; ella desgostou-se; andou mourendo pelas provincias, e afinal desapareceu. *Requiescat in pace!*

Entrou o cabelleireiro. Enquanto Clorinda lhe confiou a cabeça, o doutor Pires de Aguiar divagou longamente sobre os meritos da Marcellina; depois falou de outras actrizes, desfiando o interminavel rosario das suas mancebias.

Clorinda, a costureira e o cabellerero ouviam sem dizer palavra.

Terminado o serviço do cabelleireiro, que logo se retirou, Clorinda ergueu-se :

— Agora, meu doutor, ha de me dar licença, sim? Vou vestir-me.

— Até logo, disse o advogado. O seu penteado ficou esplendido! Vou applaudil-a. *Bonne chance!*

Deu-lhe um beijo — na testa para não desmanchar a pintura —, e sahiu do camarim, cuja porta a costureira discretamente fechou.

III

Minutos depois, Clorinda estava completamente nua.

— A senhora é muito bem feita de corpo, disse-lhe, num tom adulatorio, a costureira, enfiando-lhe pela cabeça uma camisa de seda.

— Acha? perguntou desdenhosamente a actriz.

— Ah! eu tambem já fui bem feita de corpo, mas... não tive juizo : fiei-me de mais nos homens. Se quer aceitar um conselho, filha, preste mais attenção á sua arte do que a todos esses... gajos, que fazem das mulheres um objecto de luxo e nada mais. Só assim a senhora evitará o hospital e a miseria.

— Ora esta! exclamou Clorinda. Quem é você mulher, para me fallar assim?

— Eu sou... a Marcellina.

INDICE

O viuvo.....	11	L
Romantismo.....	22	L
Questão de honra.....	33	
A cosinheira.....	43	
Caiporismo.....	55	
Pebliscito.....	65	
A praia de Santa Luzia.....	74	
Black.....	83	
A filha do patrão.....	91	
Ardil.....	103	
Util inda brincando.....	112	
Uma noite em Petropolis.....	126	
Uma embaixada.....	139	
Vingança.....	151	
Como eu me diverti!.....	165	
A « Dona Branca ».....	179	
O velho Lima.....	189	
A « réclame ».....	195	
O contrabando.....	209	
A agua de Janos.....	234	
A Marcellina.....	239	
